

# Correio das Artes

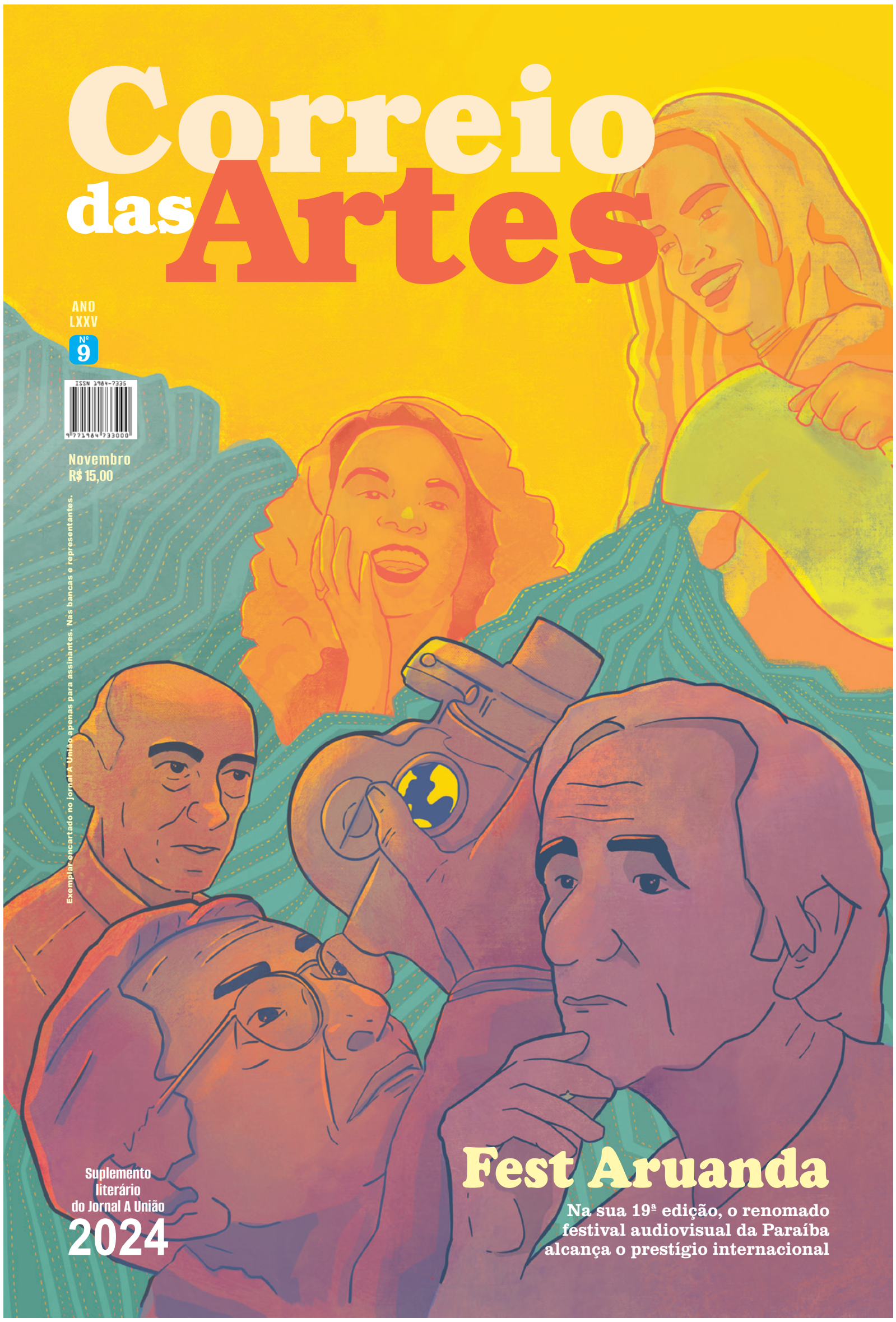
ANO  
LXXV

Nº  
9



Novembro  
R\$ 15,00

Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes.



Suplemento  
literário  
do Jornal A União  
**2024**

## Fest Aruanda

Na sua 19ª edição, o renomado festival audiovisual da Paraíba alcança o prestígio internacional

Gráfica

# A UNIÃO



Excelência  
além da  
primeira  
impressão.

Solicite seu  
orçamento!

Telefone:  
(83) 3218-6525



# Foco no mundo com enquadramento na PB

Fui uma das testemunhas do nascimento do Fest Aruanda, em 2005, naquele pequeno cinema incrustado na praça da alimentação do Shopping Sul, no bairro dos Bancários, em João Pessoa. Foram os primeiros passos de um dos mais importantes festivais da Paraíba.

Nunca vou esquecer da vez em que um realizador de outro estado – em alguma das primeiras edições nas quais o evento foi acolhido na “finada” sala de cinema do Tropical Hotel Tambaú – falou em alto e bom tom na poltrona do “fundão” para todos ouvirem: “Vocês não têm ideia da importância desse festival lá fora!”, referindo-se ao restante do país.

Do *flashback* para o pulo espaço-temporal de uma elipse, hoje o festival não cabe mais em si. Extrapolou limites, divisas e, agora, fronteiras. A internacionalização do evento foi uma questão de tempo, atingida na maturidade da sua maioria, voltando o foco para além-mar, em terras portuguesas. Nesta edição, a 19<sup>a</sup>,

Consciente, a globalização não impediu o evento de eleger um seletor time de homenageados para este ano, que viram a luz pela primeira vez aqui, na Paraíba

países como os Estados Unidos e a China se juntam ao enquadramento.

Consciente, a globalização não impediu o evento de eleger um seletor time de homenageados para este ano, que viram a luz pela primeira vez aqui, na Paraíba: como demonstra a capa desta edição e na série de textos assinados por Jãmarrí Nogueira, teremos recortes do motivo de reverenciar a trajetória de nomes da velha-guarda como o documentarista Vladimir Carvalho (*in memoriam*), o fotógrafo Manoel Clemente (*in memoriam*) e o cinéfilo “computador humano” Ivan Cineminha, além da nova geração, representada pelas atrizes Suzy Lopes e Lucy Alves.

Completando nosso especial, matérias sobre a restauração do clássico *Aruanda* e sobre a coletânea *Luz, Cinefilia... Crítica*, importante resgate que reúne críticas do cineasta Linduarte Noronha (1930-2012) publicadas no Jornal **A União**.

## índice

### 29 / diálogo

Entrevista com Aida Gomes, escritora angolana radicada em Portugal que explora as múltiplas camadas da identidade afrodescendente em uma Europa marcada por contrastes e desafios culturais

### 34 / musical

Da série “qualquer maneira de amor vale um conto”, uma história com referências sonoras que vão de Caetano Veloso, passa por Luís Melodia, até Gilberto Gil

### 38 / poesia

Amador Ribeiro Neto analisa a obra ‘De amor & morte’, coletânea poética do cearense Vanderley Mendonça que reúne versos produzidos entre 2013 e 2021

### 40 / conto

Abel é um garoto de 13 anos, apaixonado por Solange e que sonhava ser engenheiro. Até que o seu pai, limpando as armas na sala, apontou na direção de Teresinha... Tudo aconteceu muito rapidamente.

### 44 / língua

“Por que, afinal, a calça a gente bota e a bota a gente calça?” Uma viagem por palavras cujo significado não correspondem aos seus atributos linguísticos

### 47 / artigo

Dois paraibanos singulares, um perfil do jurista, jornalista, escritor e político Samuel Duarte traçado pelo historiador José Octávio de Arruda Mello



SECRETARIA DE ESTADO  
DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL



Naná Garce de Castro Dória  
Diretora Presidente

William Costa  
Diretor de Mídia Impressa

Amanda Mendes Lacerda  
Diretora Administrativa,  
Financeira e de Pessoas

Rui Leitão  
Diretor de Rádio e TV

Correio  
das Artes

Audaci Junior  
Editor do Correio das Artes

Paulo Sérgio  
Diagramação

Bruno Chioffi  
Arte da capa

Tônio  
Ilustrações

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de textos, figuras, fotos, ilustrações autorais deste suplemento, sem prévia e expressa autorização da direção do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUVIDORIA: (83) 99143-6762

PABX: (83) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

Correio das Artes. Uma publicação da EPC.

Av. Chesf, 451 — CEP 58052-010, Distrito Industrial, João Pessoa, Paraíba.

# Festival que rompe as fronteiras

Na sua 19ª edição, Fest Aruanda, o principal evento audiovisual da Paraíba, expande e consolida seus novos horizontes internacionais, com a participação de projetos de países como Portugal, Estados Unidos e China

Alexsandra Tavares  
lekajp@hotmail.com

**A**nimações chinesas, documentários europeus e filmes estadunidenses são algumas atrações do 19º Festival do Audiovisual Internacional da Paraíba — Fest Aruanda. O evento que, há quase duas décadas, começou como uma proposta mais universitária, avançou para os estados brasileiros e recentemente vem rompendo as fronteiras. A cada edição, trabalhos de profissionais de diferentes idiomas são agregados à programação, uma prova do crescimento e da multiplicidade de público que conquistou.

Com a participação de projetos audiovisuais de países como Portugal, EUA e China, a edição 2024 chega com o status “internacional” marcado, inclusive, na identidade visual do evento. Segundo o professor e documentarista Lúcio Vilar, organizador do festival, o ponto de partida para a internacionalização do Fest Aruanda ocorreu em 2021, quando foi feito o intercâmbio com a Universidade Lusófona, em Lisboa, Portugal.

A parceria foi mediada pelo artista visual paraibano João Lobo, radicado em terras lusas.

“Ele fez a ponte com o diretor da instituição, professor Manuel Damásio. Isso foi em 2021 e, desde então, mostras especiais e competitivas de estudantes da Lusófona, oriundos da União Europeia, participam do evento”, explicou.

O coordenador pedagógico de Licenciatura em Cinema da Universidade Lusófona, Filipe Roque do Vale, afirmou que a relação com o Brasil é da maior relevância para a instituição. “Tal como o nosso nome indica, o espaço da Lusofonia é um eixo de desenvolvimento central para a universidade e por extensão aos nossos alunos e professores”, comentou Vale, que é membro do Steering Committee da Universidade Europeia FilmEU.

De acordo com ele, mais de 20 alunos já participaram do Fest Aruanda e, para os estudantes da Lusófona, o evento permite “a divulgação de seus trabalhos em um espaço internacional e fora do contexto europeu”. Isso significa que, se não fosse o Aruanda, muitos desses projetos nem seriam divulgados dentro desse circuito. Para Vale, o festival ainda dá oportunidade de partilha e discussão cultural em um ambiente de língua portuguesa.

FOTO: REPRODUÇÃO/CANÁRIO FILMES

Em agosto passado,  
Mostra Aruanda Los  
Angeles/San Diego,  
nos EUA, contou  
com a exibição da  
produção paraibana  
'Desvio', longa de  
Arthur Lins



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Filipe Roque do Vale, coordenador pedagógico de Licenciatura em Cinema, da Universidade Lusófona, em Lisboa, Portugal

ra, a San Diego State University e o Fest Aruanda estão no terceiro ano de parceria. Em 2022, ano em que foi firmado o acordo entre ambas, ela teve a oportunidade de assistir ao festival como membro do júri da mostra de cinema nacional e também ministrou uma palestra. Em 2023, participou da mostra Sob o Céu Nordestino e também de uma mesa redonda sobre cinema e ditadura.

A Mostra Aruanda Los Angeles/San Diego contou com as exposições das produções paraibanas: o curta-metragem *Era Uma Noite de São João*, animação de Bruna Velden, e o longa-metragem *Desvio*, ficção dirigida por Arthur Lins.

“Em agosto deste ano, recebi o professor Lúcio Vilar na Califórnia e organizei a mostra Aruanda em Los Angeles, com o Consulado Geral do Brasil na cidade californiana e a American Cinemateque. Também tivemos uma mostra em San Diego, onde Lúcio deu uma palestra sobre o cinema paraibano na universidade”, acrescentou a professora.

## Estados Unidos

A interação com a universidade de Lisboa foi apenas o pontapé para a entrada de mais trabalhos internacionais na programação. Em 2022, foi assinado um protocolo de intenções entre o Fest Aruanda e a San Diego State University (SDSU), por meio da professora estadunidense Kristal Bivona. A ligação entre a instituição norte-americana e o evento foi feita via Universidade Federal da Paraíba (UFPB). “A experiência com o Fest Aruanda é sempre incrível. Estamos muito felizes com a nossa parceria”, afirmou Bivona.

De acordo com a profes-

FOTO: ARQUIVO PESSOAL



Professora norte-americana Kristal Bivona, da San Diego State University (SDSU), nos Estados Unidos



FOTO: REPRODUÇÃO/AMERICAN CINEMATHEQUE DE LA

Na Califórnia, a Mostra Aruanda Los Angeles/San Diego contou com a presença da cônsul-geral em LA, a embaixadora Fátima Ishitani (acima, ao lado do coordenador do Fest Aruanda, Lúcio Vilar)

atualizar a nomenclatura do Fest Aruanda. “Daí a mudança da nomenclatura do evento, dada essa amplificação de sotaques e idiomas, o que integra uma estratégia de expansão do evento que fará 20 anos em 2025”.

As quase duas décadas de existência do festival mostram que a participação estrangeira foi uma consequência natural de um processo paulatino de crescimento. Cada degrau galgado representa o profissionalismo que o evento conquistou e a consolidação de um trabalho que reúne apoiadores, profissionais comprometidos e a força pujante do audiovisual na Paraíba, no Brasil e fora dele.

O setor abre infinitas possibilidades para os profissionais da área e atrai olhares de todo o mundo. “Com esse saldo positivo, quem mais ganha é a cadeia produtiva do audiovisual paraibano que encontra, no festival, diversas janelas para se fazer presente e em condições de competitividade com produções do Sudeste, por exemplo”, salientou Lúcio, e acrescentou:

## Reforçando laços

O professor Lúcio Vilar contou que a realização da mostra Aruanda Los Angeles/San Diego só fortaleceu os laços com os EUA. Segundo ele, foi uma experiência rica e produtiva. “Com isso, reforçamos a parceria e teremos, com efeito, este ano, filmes de estudantes de Cinema da SDSU no Fest Aruanda, que, por sua vez, vão se somar, pela primeira vez, a filmes de animação da Universidade de Comunicação da China (UCC)”, destacou o coordenador.

Com a participação de trabalhos estrangeiros de diferentes continentes nesta 19ª edição, nada mais apropriado do que

FOTO: REPRODUÇÃO/UCC



Nesta edição do Fest Aruanda, haverá exibição de filmes em animação produzidos pela Universidade de Comunicação da China (UCC)

“Contemplar e expandir o festival além mares só contribui para oxigenar e diversificar as trocas e os intercâmbios que vão se estabelecendo. Abrimos essa nova janela internacional e a expectativa é que seja redimensionada em 2025, esse é o espírito que nos move”.

A professora da SDSU, Kristal Bivona, declarou que o Fest Aruanda é um relevante evento para a cadeia audiovisual por muitas razões. Ela comentou

que, como todos os festivais do Brasil — país onde “a distribuição é um problema”, o Fest Aruanda é um evento importante para exibir o cinema brasileiro, especialmente os filmes do Nordeste. Um dos projetos ressaltados por ela foi a exibição *Sob o Céu Nordestino*, “uma mostra única e importante para destacar o cinema incrível que sai da nossa região. Muitos destes filmes não sairão em cartaz. Então, é uma oportu-

nidade interessante para vê-los na tela grande”.

Outro ponto citado pela professora foram os debates e oficinas oferecidas ao público durante o Aruanda. Para Kristal, essas atividades são transformadoras para quem faz cinema e também para estudiosos e críticos da área. “É legal ter um espaço para discutir os filmes. As oficinas têm impacto real na vida de cineastas jovens que recebem orientação e fazem *networking*”.

## Novidades do festival para 2024

Na edição 2024 do Fest Aruanda, o público vai ter a oportunidade de prestigiar projetos audiovisuais de três continentes — América, Europa e Ásia. “Vamos ter um painel audiovisual internacional com animações chinesas primorosas que deverá chamar a atenção do público mais jovem, documentários e ficções estadunidenses e europeias”, destacou Lúcio Vilar.

Além da múltipla nacionalidade dos projetos, o evento ainda trará obras que, segundo o coordenador, tratam de assuntos urgentes, que possibilitam uma importante troca cultural, sobretudo para os participantes mais jovens. O resultado será a apreensão de novas experiências culturais. “São obras que falam de temas candentes, hoje, na contemporaneidade e na vida de adolescentes e jovens dos três continentes envolvidos, isto é, será muito rico justamente pela diversidade cultural que estará na telona da rede Cinépolis”, completou Vilar.



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Leticia Grubert dos Santos, diretora brasileira do Instituto Confúcio na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Segundo Leticia Grubert dos Santos, diretora brasileira do Instituto Confúcio (na UFRGS), a parceria entre a instituição e o Fest Aruanda tem uma importância significativa para o audiovisual, tanto para a audiência local quanto para o chinês, principalmente em relação a um intercâmbio cultural.

“Para o público brasileiro, a parceria proporciona um contato mais profundo com o cinema chinês, ampliando a compreensão sobre a cultura, a história e as narrativas tradicionais e contemporâneas da China. Isso enriquece a visão do espectador brasileiro sobre um país que é uma potência cultural e eco-

nômica global. Para o público chinês, por meio dessa colaboração, há maior visibilidade para o cinema brasileiro na China, apresentando as riquezas culturais, as histórias locais e as temáticas sociais abordadas pelo audiovisual brasileiro”, explicou Grubert.

Com a parceria entre Brasil e China, a diretora brasileira do Instituto Confúcio espera que a universidade seja mais conhecida pelos brasileiros. “A UCC é uma das primeiras instituições na China a se dedicar ao ensino e à pesquisa em animação, arte digital, *design* de jogos e *design* de novas mídias”.

Sobre a expectativa para a programação 2024, a professora da San Diego State University, Kristal Bivona, destacou que tem “certeza de que vai ter filmes ótimos, debates interessantíssimos e muita boa energia como todos os anos”.

Já Filipe Roque do Vale, coordenador pedagógico da Licenciatura em Cinema da Universidade Lusófona, declarou que está levando quatro filmes ao Aruanda. Um deles, *Ser Semilla*, é um filme de animação do Mestrado Reanima, uma pós-graduação internacional que integra três universidades Europeias: a Luca School of Arts da Bélgica, a Aalto University de Helsínquia na Finlândia e a Universidade Lusófona.

“O outro filme tem o título *Uma Mãe Vai à Praia* e também é de um mestrado internacional. O *KinoEyes*, em que participam o IADT, a escola de Cinema de Dublin, a BFM da Estónia e a Universidade Lusófona. Os dois filmes restantes são da Licenciatura de Cinema da Universidade Lusófona, são dois curtas com os títulos *Penrose* e *O Incidente da Galinha*”, frisou.



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Foi por conta de uma provocação do cineasta Vladimir Carvalho (1935-2024) que foi plantada a semente para o Fest Aruanda: “Toda biboca desse país tem um festival, menos a Paraíba”

## Sim, temos festival!

Ao ser questionado sobre o que representa o fortalecimento da internacionalização do Fest Aruanda, Lúcio Vilar lembrou de um comentário que ouviu, certa vez, de Vladimir Carvalho, cineasta paraibano que faleceu no dia 24 de outubro e é um dos homenageados neste ano. A fala foi dita durante uma entrevista que Vilar fez, ainda no século passado, com o mestre do cinema de não ficção em Brasília. “Ele me disse: ‘Toda biboca desse país tem um festival, menos a Paraíba’”.

A partir de então, a frase ficou ecoando na mente do professor, como um mantra que se repete constantemente até que

se alcance a resposta ou finalidade desejada. Cinco anos depois da entrevista, foi criado o Fest Aruanda, evento que foi instituído com a chancela da UFPB e que se mantém cada vez mais forte e vivo na Paraíba, agora, com ares cosmopolitas, como um verdadeiro cidadão do mundo.

“Eu diria que a janela internacional reflete o fato de que esse ímpeto paraibano de ter criado o primeiro festival de cinema do estado, em 2005, segue vivo e pulsando. Até mesmo em nome do principal incentivador que foi Vladimir Carvalho. Aliás, se Linduarte Noronha é o patrono, Vladimir foi, na prática, o padrinho que nunca desgrudou o olho de seu afilhado”.

# Lançando luzes às críticas de um cineasta

Publicado pela Editora A União, livro “Luz, Cinefilia... Crítica” desbrava a verve de análises cinematográficas do realizador Linduarte Noronha

Alexsandra Tavares  
lekajp@hotmail.com

Quando o jornalista e cineasta Linduarte Noronha (1930-2012) rumou para um quilombo paraibano, nos anos 1960, com uma câmera na mão e muitas ideias na cabeça, para gravar *Aruanda*, talvez não imaginasse que produziria sua obra-prima e teria seu nome incluído na lista de precursores do Cinema Novo. O que muita gente não sabe é que esse famoso realizador pernambucano, radicado na Paraíba, também tem um valoroso legado de críticas de cinema. Segundo o professor e documentarista Lúcio Vilar, organizador da obra, foram mais de 900 trabalhos nessa seara e 64 deles estão no livro *Luz, Cinefilia...Crítica — Arqueologia e Memória do Crítico Linduarte Noronha* (Editora A União).

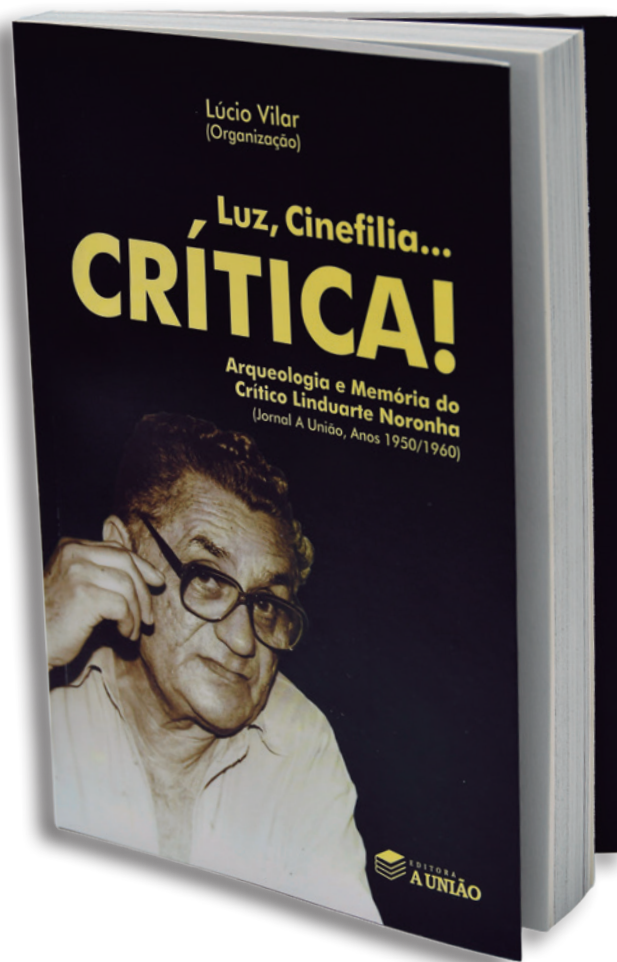


FOTO: LEONARDO ARIEL

Obra compila 64 críticas cinematográficas do diretor do clássico ‘Aruanda’ (1960); foram mais de 900 textos pesquisados nos arquivos do Jornal A União, entre os anos de 1956 e 1968



FOTO: LEONARDO ARIEL

Organizador Lúcio Vilar pesquisou por mais de três anos para chegar ao resultado final da publicação

A edição será lançada no dia 2 de dezembro, no 57º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, e também no dia 5 de dezembro, durante a abertura do 19º Fest Aruanda, em João Pessoa.

Segundo Lúcio Vilar, foram mais de três anos de pesquisa para se chegar à finalização da publicação, que faz parte do projeto intitulado *Imagens em Movimento da Parahyba no Século 20 — Luz, Cinefilia... Memória! Análise e revisão histórica do protagonismo de Linduarte Noronha como crítico de cinema do Jornal A União (1956-1968)*, do Departamento de Mídias Digitais do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde o professor está lotado.

A obra conta com a contribuição do aluno Juan Vilar, do curso de Cinema e Audiovisual do Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA), da UFPB. Para ele, conhecer de forma mais aprofundada a leitura de Linduarte Noronha — não apenas sobre a Sétima Arte, mas também sobre o mundo — foi uma “honra e uma experiência incomparável”. “Foi uma verdadeira aula — ao longo da leitura, fichamento e seleção de centenas de textos — sobre crítica, história do cinema, a linguagem cinematográfica, a cultura brasileira e tantas outras coisas que Linduarte conseguiu apreender em seus textos, mais de 60 anos atrás”, comentou Juan Vilar.

O estudante afirmou que o legado de Linduarte Noronha como crítico vive, agora selecionado e disponível no livro. “Eu não poderia estar mais feliz em poder contribuir para um projeto de tamanha importância e relevância”, completou.

## “Prova dos nove”

Lúcio Vilar afirmou que o livro é a “prova dos nove” de que Linduarte Noronha tornou-se cineasta por causa da atividade de crítico. A afirmação faz todo sentido, uma vez que o documentário *Aruanda* foi baseado em uma grande reportagem escrita por Noronha, que sempre manteve um olhar diferenciado diante da realidade de que o cercava.

O curta-metragem que mostra o cotidiano de remanescentes do quilombo Olho d’Água, da Serra do Talhado, na Paraíba, reúne realidade e ficção, apre-

sentando cenas das formas de produção, costumes e crenças desses descendentes de escravizados. O professor da UFPB reitera que a publicação mostra o protagonismo de Linduarte no campo da crítica cinematográfica e ajuda o leitor a refletir sobre uma época muito rica, que precisa ser revisitada.

“Eis a maior contribuição que espero propiciar com esse trabalho que precisa ser lido pelas novas gerações, estudantes de comunicação, jornalismo, mídias digitais e cinema, em especial”, reforçou Lúcio Vilar.



FOTO: CARLOS RODRIGO

Para a diretora-presidente da EPC, a jornalista Naná Garcez, “o importante mesmo é legitimar a cultura paraibana”

## Arqueologia literária

O caminho percorrido até chegar à conclusão da obra, porém, foi longo e repleto de desafios. Um deles foi se deparar com as mais de 900 publi-

cações que Linduarte Noronha assinou em uma coluna do centenário Jornal **A União**, um dos veículos que integra a Empresa Paraibana de Comunicação

(EPC). Um acervo preservado e em processo de digitalização que precisou ser lido e analisado criteriosamente para, só então, se chegar à seleção das derradeiras 64 publicações que compõem a coletânea.

Segundo o organizador, foi um “trabalho de arqueologia minucioso, de muita paciência para garimpar os textos e elucidar dúvidas”, consumindo cerca de três anos de dedicação do professor e documentarista.

O interesse pelos textos de críticas do cineasta, porém, começou há muito mais tempo, quando Lúcio fazia a pesquisa para a elaboração do livro *Menino de Engenho – 40 anos depois* (Editora Universitária/UFPB). Nessa época, ele reviu jornais e atentou para os

escritos de Linduarte Noronha no *Jornal A União*. Desde então, ficou acesa a fagulha do projeto, que agora se concretiza em forma de livro, e está em vias de ser lançado no festival paraibano de audiovisual batizado de *Aruanda*. “Só agora, graças à perspicácia da jornalista Naná Garcez, via EPC e Editora *A União*, conseguimos consumir esse projeto”.

A diretora-presidente da EPC afirmou que, ao longo dos 131 anos de existência, *A União* conseguiu formar um valioso arquivo em que traz, nas páginas de seus exemplares, parte da história do estado. Segundo Naná Garcez, a presença dos textos de Linduarte Noronha durante cerca de uma década no periódico mostra

o quanto o jornal é resiliente e diverso.

“Nas páginas de *A União* cabem a literatura, a notícia factual e o pensamento crítico, sem nenhuma censura. Posso lhe dizer que li vários textos de Linduarte Noronha em que ele reclama da derrubada de árvores, como o cajueiro, para a expan-

**Obra contou com um time de grandes nomes do cinema, do jornalismo e da pesquisa acadêmica brasileira na colaboração**



‘Luz, Cinefilia... Crítica – Arqueologia e Memória do Crítico Linduarte Noronha’ é uma oportunidade para o público (re)descobrir o lado jornalístico e crítico do diretor de ‘Aruanda’ por meio dos seus escritos

são urbana e também vê com olhos críticos o comportamento de determinadas instituições de fomento que no fim, no fim mesmo, não apoiavam tanto os segmentos como deveriam apoiar”, frisou Naná Garcez.

A gestora declarou que “é uma honra e uma satisfação poder publicar esse livro”, incentivando mais uma obra paraibana, uma vez que o fomento à cultura é uma das atribuições da EPC. “Então, eu me pego muito nisso para estimular as publicações e promover eventos como o do Prêmio Literário José Lins do Rego e o Festival de Música da Paraíba. Todas essas manifestações que estão no âmbito da EPC, a gente procura apoiar, seja um debate na UFPB sobre o futuro do jornalismo ou uma feira literária que está precisando de cartazes. Mas, de fato, o importante mesmo é legitimar a cultura paraibana”.

## Resgate

O lançamento da obra no 19º Fest Aruanda é uma forma de celebrar a perenidade do centenário periódico estatal, que resguarda o trabalho e o talento de personalidades parai-

banas, além de exaltar a memória do cineasta e crítico cinematográfico Linduarte Noronha.

“O lançamento no Fest Aruanda 2024 não deixa de ser uma homenagem, sim, ao diretor que nos inspirou a nomear o festival. Aliás, é a única mostra de cinema do mundo que tem nome de filme, pouca gente sabe disso. Ser lançado no mais antigo e mais importante festival de cinema do país, que é o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, também é revelador de sua importância e uma honra para nós”, enfocou Lúcio Vilar.

Para ele, o acervo de Linduarte Noronha registrado nas páginas do jornal paraibano “é um baú de preciosidades” que “estava submerso nas páginas frágeis dos exemplares físicos de **A União**”. “Poucos sabiam do diretor de *Aruanda* como jornalista e crítico, e mesmo os que sabem, nunca leram seus escritos. Era necessário lançar luzes nesses escaninhos da memória da crítica cinematográfica paraibana, que teve seu apogeu nas décadas de 1950-60. Esse foi o ponto que me mobilizou a brigar por esse livro durante 10 anos”, frisou Lúcio Vilar.

## Releitura com olhar contemporâneo

O livro *Luz, Cinefilia... Crítica – Arqueologia e Memória do Crítico Linduarte Noronha* tem o prefácio assinado pelo próprio organizador e contou com um time de grandes nomes do cinema, do jornalismo e da pesquisa acadêmica brasileira na colaboração.

Eles foram desafiados a lançar um olhar contemporâneo sobre os textos produzidos e publicados 60 ou 70 anos atrás. “Esse é o diferencial, não é uma coletânea apenas, tem esse elemento adicional da releitura que enriquece e agrega valor substancial ao livro”, comentou Lúcio Vilar.

*Luz, Cinefilia... Crítica* está segmentado em quatro tópicos ou capítulos e para cada um foram selecionados os respectivos escritos de Linduarte, conforme a relevância histórica dos temas tratados nos textos. Há espaço reservado para críticas voltadas a filmes, diretores e fatos nacionais, bem como da Paraíba e do eixo Rio-São Paulo.

O leitor ainda vai encontrar informações sobre o contexto internacional de outrora, onde Linduarte demonstra total sintonia, atualização e indiscutível capacidade de análise acerca do que estava pulsando nos Estados Unidos, Europa e no continente latino-americano. “É um assombro a massa crítica que exala de seus textos, ele escrevia com paixão e muitas vezes era corrosivo nas suas críticas, o que chama muito a atenção”, destacou o professor e documentarista.

A sinopse da edição mostra que, ao aliar o exercício da crítica com o gênero da crônica, Linduarte Noronha produziu textos de sabores diversos. Assim, a obra se configura, então, como uma celebração ao jornalista e ao crítico que o diretor de *Aruanda* foi, antes de mergulhar profundamente nos projetos da Sétima Arte.

Alexsandra Tavares é jornalista, editora do Jornal **A União** e repórter do ‘Correio das Artes’. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).

# “Aruanda”

reestrea em 4K  
no festival que leva seu nome

Esmejoano Lincol

Especial para o *Correio das Artes*

Se o Fest Aruanda existe com esse nome, a razão é o documentário paraibano homônimo, dirigido pelo pernambucano-paraibano Linduarte Noronha, em 1960. O curta-metragem reestrea em sua terra natal durante a programação da mostra, em cópia restaurada com tecnologia 4K. O projeto é coordenado pelo Centro Técnico Audiovisual do Rio de Janeiro (CTAv), atual detentor dos direitos autorais de *Aruanda*, em parceria com o coletivo brasileiro Cinelimite — este, por meio de sua Iniciativa de Digitalização de Filmes Brasileiros (IDFB).

Antes de se tornar um marco do Cinema Novo, a empreitada de Linduarte nasceu de uma reportagem publicada por ele mesmo no *Jornal A União*, em duas partes, no mês de agosto de 1957. O então crítico de cinema do periódico descreveu o trabalho e o cotidiano dos ceramistas quilombolas da Serra do Talhado, em Santa Luzia. “O núcleo segregado [do Quilombo] não precisou da interferência constitucional para sobreviver. Na terra não há uma igreja, uma



FOTOS: REPRODUÇÃO/CTAV/CINELIMITE/IDFB



Acima, diversas imagens já restauradas em 4k do curta-metragem de Linduarte Noronha, um dos marcos do movimento do Cinema Novo no país

**Processo de restauração utilizou cópia arquivada pelo CTAv, com mais nitidez em relação a sua última recuperação, nos anos 2010**

escola, um posto de polícia, um representante do poder público”, contou o nosso então colaborador, na matéria.

O desejo de transformar o relato textual em produto audiovisual levou Linduarte de volta à Serra do Talhado dois anos depois, munido de uma câmera, cedida pelo Instituto Nacional de Cinema Educativo (Ince), e de uma equipe que se tornaria ilustre nas décadas seguintes, por esse e outros filmes: Rucker Vieira, a cargo da direção de fotografia e da montagem; e João Ramiro Mello e Vladimir Carvalho, os assistentes de produção. Como resultado, um registro de 20 minutos, que expôs a simplicidade e a aridez do povoado, em narrativa semificcional. Foi primeiro exibido em João Pessoa, numa projeção histórica no extinto Cinema Rex, da capital; depois, no resto do Brasil.

O processo de restauração utilizou cópia arquivada pelo CTAv. Possuindo mais nitidez em relação a sua última recuperação, datada dos anos 2010, foram corrigidos problemas relacionados ao contraste, que oscilava os tons de preto e branco, e à sujeira, responsável pelos “riscos” que vemos a cada *frame*. Escaneado a partir do celuloide, o filme dispõe hoje de uma versão digital em alta resolução — em padrão que se convencionou chamar de 4K — e que será projetada durante o Fest Aruanda.

Fernando Trevas, crítico, pesquisador de cinema e docente da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), assevera a importância de *Aruanda*, afirmando que o filme, em sua época, indicou os caminhos

para se fazer cinema do Brasil. “Tanto é verdade, que após a repercussão nacional, artigos do cineasta Glauber Rocha e do então presidente da Cinemateca Brasileira, Paulo Emílio Sales Gomes, exaltaram o filme. O passar das décadas reafirmou sua relevância. Qualquer texto que conte a história do nosso cinema e que não cite *Aruanda* está faltando com a verdade”, pontua Trevas.

#### “Funesto” também em 4K

Além de *Aruanda*, outro filme paraibano reestrea na programação da mostra, com cópia restaurada: *Funesto: farsa irreparável em três tempos*, de 1999, um dos primeiros trabalhos do diretor e professor da UFPB, Carlos Dowling.

A película também foi re-trabalhada em 4K, mas em uma empreitada exclusiva da

IDFB, a partir de rolo de projeção arquivado por Dowling, com problemas de cor. A única cópia do negativo montado, de posse da extinta Labo Cine, sumiu após o fechamento desse laboratório de revelação, no Rio de Janeiro.

O filme perfaz uma antologia de histórias ambientadas no interior do Brasil, alinhavadas por uma partida de cartas. O fato de ser média-metragem fez o filme circular pouco em salas de cinema — sempre mais afeitas à seleção de curtas e longas. Todavia, *Funesto* foi exitoso em alguns dos festivais de cinema que integrou. “Jane Malaquias, a diretora de fotografia, comentava que o filme funcionou como um curso de cinema para todas as pessoas presentes no *set* — algumas delas, pela primeira vez”, lembrou Carlos Dowling.



Antes (à direita) e depois (à esquerda) da restauração do média-metragem ‘Funesto: farsa irreparável em três tempos’ (1999), um dos primeiros trabalhos do diretor e professor da UFPB, Carlos Dowling

FOTO: REPRODUÇÃO/IDFB

Esmejoano Lincol é repórter do caderno de Cultura do Jornal **A União**. Também é mestre em Comunicação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e, atualmente, é graduando em Cinema e Audiovisual na mesma instituição.

# Vladimir Carvalho:

## um cineasta de verdades...

Jãmarrí Nogueira

Especial para o *Correio das Artes*

Pipocavam cinemas de rua em diversas cidades paraibanas na década de 1930. Magia que atraía grandes plateias, principalmente diante dos filmes norte-americanos. E não era diferente na cidade de Itabaiana, onde Vladimir Carvalho nasceu, no dia 31 de janeiro de 1935. Menos ainda em Recife (PE), onde passou parte da infância. A paixão pelo audiovisual veio com Vladimir ainda muito jovem. Enquanto os cinemas exibiam o belo musical *Cantando na chuva*, no começo da década de 1950, Vladimir já colocava o pensamento na crua verdade documental da seca, nas opressoras relações de trabalho e nas manifestações populares. Estava pronto para nascer o maior nome do cinema paraibano e um dos maiores do Brasil.

Apaixonado pelo cinema, pela história e pela filosofia (tendo sido colega de sala de aula de Caetano Veloso na graduação em Filosofia, na UFBA, em Salvador), o realizador paraibano construiu uma trajetória voltada para o documentarismo, destacando a luta social contra a opressão e mostrando ao Brasil verdades desconhecidas ou mesmo escondidas. Foi um cineasta de verdades... Com forte influência cinemanovista, Vladimir é — mais uma

vez — um dos homenageados do Fest Aruanda. Ele faleceu no dia 24 de outubro deste ano, em Brasília (DF), onde estava radicado havia muitas décadas e foi professor da Universidade de Brasília (UnB) por mais de 20 anos.

Entre as obras de Vladimir Carvalho, representante do movimento chamado Cinema Novo (parceiro de movimento do também cineasta Glauber Rocha), estão *O País de São Saruê*, de 1971, censurado pela ditadura militar por oito anos, com fotografia assinada pelo também homenageado Manoel Clemente; *Conter-râneos velhos de guerra*, de 1991; e *Barra 68*, de 2000. Sua estreia como diretor foi em 1962, quando filmou o curta-metragem *Romeiros da Guia* (em parceria com João Ramiro Mello, com quem já havia dividido a assistência de direção do clássico *Aruanda*, dirigido por Linduarte Noronha). O filme foi feito no mesmo ano em que Vladimir atuou como assistente de direção de Eduardo Coutinho, no clássico *Cabra marcado para morrer*.

As verdades colocadas na tela grande por Vladimir faziam parte de seu espírito investigativo e inquieto. Uma essência tão revolucionária quanto doce. Extremamente rebelde e extremamente polido, Vladimir fez cinema. Mais que isso, amarrou sua câmera a uma estrela e aroú férteis terrenos de paixão pelo audiovisual. Que o diga o diretor de fotografia Walter Carvalho, irmão mais novo, que encontrou em Vladimir a sua maior referência. Que o diga o próprio Fest Aruanda, que surgiu a partir de provocações de Vladimir para o professor, jornalista e também cineasta Lúcio Vilar (realizador do festival de cine-

**Apaixonado pelo  
cinema, pela  
história e pela  
filosofia, paraibano  
construiu  
uma trajetória  
voltada para o  
documentarismo**

ma em João Pessoa). O próprio Lúcio já afirmou que Vladimir foi “uma espécie de padrinho do Fest Aruanda”.

As mais de 20 obras do cineasta sobre política e história brasileira levaram Vladimir Carvalho a se tornar um dos nomes mais importantes do cinema do Brasil. Ainda na década de 1960, Vladimir Carvalho se mudou para a região Centro-Oeste do país para ser professor da Universidade de Brasília (UnB), instituição que o nomeou professor emérito em 2012. Na capital federal, o cineasta morou até a morte. Ele fundou a Associação Brasileira de Documentaristas (ABD) e, em 1994, criou a Fundação Cinememória, que abriga o acervo do artista, no Distrito Federal.

Em 2006, mesmo ano em que foi homenageado no Fest Aruanda, Vladimir Carvalho recebeu o título de Professor *Honoris Causa* da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde iniciou sua formação acadêmica. No ano seguinte, o cineasta paraibano lançou o documentário *O Engenho de Zé Lins* sobre o escritor José Lins do Rego. Em 2017, *Cícero Dias - O compadre de Picasso* (premiado no Festival de Brasília e exibido na edição de 2016, do Fest Aruanda, em João Pessoa).

Em seu amor pelo cinema documental, o “cineasta de muitas verdades” filmou *A bolandeira* (1967), *Vestibular 70* (1970), *Incelência para um trem de ferro* (1972), *A pedra da riqueza* (1975) e *Brasília segundo Feldman* (1979). Seguiram-se os filmes *O homem de areia* (1981), *O evangelho segundo Teotônio*

(1984), *Rock Brasília: Era de ouro* (2011) e *Giocondo Dias: Ilustre clandestino* (2019), o seu último longa-metragem.

Foi radialista e crítico de cinema. Tão apaixonado por filmes russos que ganhou o apelido de Vladimir Vorochenko. O paraibano foi o último grande

nome dos documentaristas do Cinema Novo e permaneceu em atividade até a sua morte, deixando em aberto o projeto de realizar um documentário sobre a transposição das águas do rio São Francisco. Homem de ação e íntimo da câmera, Vladimir agora é luz...



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Espécie de padrinho do Fest Aruanda, Vladimir realizou 26 produções documentais, entre curtas e longas

# Manoel Clemente:

um homem vestido de luz

Jãmarri Nogueira

Especial para o *Correio das Artes*

No começo da década de 1960, a Paraíba respirava política de maneira efervescente (ainda sem saber que um golpe militar se daria em 1964). Trabalhadores em comissões intersindicais, fortalecimento de sindicatos, ligas camponesas, movimentos populares e a Campanha de Educação Popular (inspirada no método Paulo Freire) colocavam em confronto alas progressistas e conservadoras.

Em meio a um conflito entre trabalhadores e oligarquias (com o estado tentando equacionar apoios e demandas de ambos os lados), um jovem fotógrafo assistia a esse panorama e tratava de registrar tudo. Um jovem e franzino “retratista” acompanhava o então governador Pedro Gondim, clicando — em preto e branco — as importantes agendas do gestor (para publicação no *Jornal A União*). Depois, cobriu também as agendas do então governador João Agripino. Seu domínio técnico

e sua sensibilidade chamaram a atenção de um também jovem e sagaz cineasta paraibano.

O fotógrafo era o saudoso Manoel Clemente (falecido em janeiro deste ano, aos 90 anos de idade). O cineasta, Vladimir Carvalho (também morto em 2024, aos 89 anos). E aquele era o início de uma grande amiza-

de. Esse vínculo fez com que Clemente atuasse como diretor de fotografia do clássico documentário *O País de São Saruê*.

Foi o primeiro longa-metragem de Vladimir, que — censurado — ganhou notoriedade. Documentário cinemanovista iniciado em 1966, finalizado em 1970 e censurado pela ditadura militar em 1971. Somente em 1979 foi liberado pelos censores (quando o país já se encontrava em um processo de “abertura lenta, gradual e segura”).

Pois bem... Por trás dos enquadramentos e da luz que emana de *O País de São Saruê* está o talento indiscutível de Manoel Clemente. Em uma votação com dezenas de críticos e pesquisadores de cinema organizada pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine), o filme de Vladimir Carvalho foi eleito como um dos 100 melhores documentá-



rios da história do cinema brasileiro. Dados como esses dão a certeza de que Clemente merece ser homenageado na 19ª edição deste Fest Aruanda.

Clemente viria a exercer a mesma função em outros filmes de Vladimir Carvalho, como *A Bolandeira*, *Pedra da riqueza* e *Romeiros da Guia*. Esse último, um resultado da parceria entre Vladimir e João Ramiro Mello. Talento, qualificação e experiência também levaram ele a realizar a direção de fotografia de longas-metragens, como *Fogo Morto* (1976), de Marcos Farias, e *Menino de Engenho* (1965), sob direção de Walter Lima Jr. Ambos os filmes foram gravados na Paraíba e são baseados em obras literárias do paraibano José Lins do Rego. Ainda fez a direção de fotografia de *O imigrante* (rodado na França, em 1981), *Nau Catarineta* (de Manfredo Caldas) e *O salário da morte* (primeiro longa-metragem com produção paraibana, sob direção de Linduarte Noronha).

Nascido em João Pessoa, no dia 17 de março de 1933, o sempre reservado Clemente

foi uma figura importante para a comunicação e o cinema na Paraíba. Ingressou como docente na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em 1980 e exerceu a função no Departamento de Comunicação (Decom), do Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA) da UFPB, até sua aposentadoria, em 2003. Excelente cinegrafista e fotógrafo formou um grande

## Cinegrafista e fotógrafo formou um grande número de profissionais desde a década de 1970

número de profissionais desde a década de 1970.

Ele fez mestrado em cinema na Universidade de São Paulo (USP). E sua dissertação de mestrado se transformou no documentário *Epopéia do sisal*, de 1993. Também publicou um livro sobre o Centro Histórico de João Pessoa. Na década de 1960, recebeu o Prêmio Coruja de Ouro (INC). E, em 2005, foi vencedor conjunto do Prêmio DocTV, com a obra *Péricles Leal, "o criador esquecido"*.

Profissional intuitivo e mestre criativo da fotografia, também trabalhou com o professor e cineasta João de Lima em pelo menos oito vídeos e filmes para o Núcleo de Documentação da UFPB (Nudoc), do qual foi membro fundador e coordenador, e a TV Cultura, de São Paulo. Clemente foi membro-fundador e segundo coordenador do Nudoc. Um profissional com amplo domínio do analógico e do digital. Sensível e qualificado, Manoel Clemente fez história. Deixou sua marca no cinema nacional e vestiu-se de luz...



FOTOS: ARQUIVO A UNIÃO

Nas duas imagens, Clemente sempre com a câmera na mão, cuidando da direção de fotografia do documentário 'O País de São Saruê' (1971), com o realizador Vladimir Carvalho ao seu lado

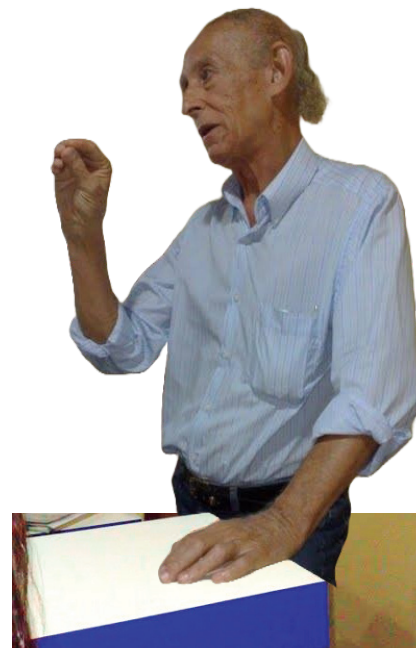


FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Paraibano foi professor no Departamento de Comunicação da UFPB, de 1980 até sua aposentadoria, em 2003

# Ivan Cineminha,

## 80 anos de uma enciclopédia da Sétima Arte

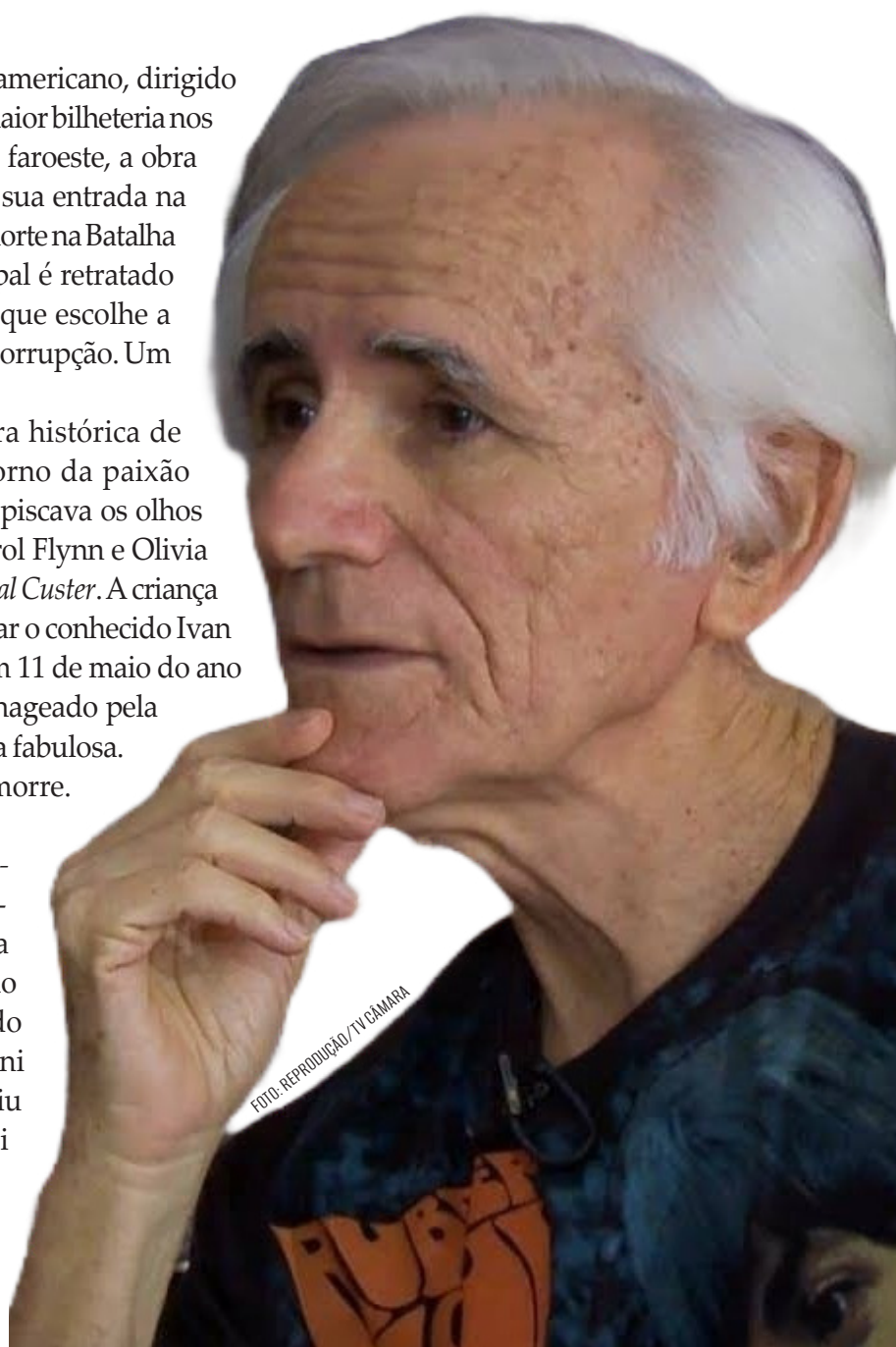
Jâmarri Nogueira

Especial para o *Correio das Artes*

Em 1941, um longa-metragem norte-americano, dirigido por Raoul Walsh, foi um dos filmes com maior bilheteria nos Estados Unidos. Mistura de drama com faroeste, a obra conta a história de um general, desde a sua entrada na academia militar de West Point até a sua morte na Batalha de Little Bighorn. O personagem principal é retratado como um homem arrojado e divertido que escolhe a honra e a glória em vez do dinheiro e da corrupção. Um filme de ficção à guisa de biografia.

Há controvérsias em torno da figura histórica de Custer. Só não há controvérsias em torno da paixão despertada em uma criança que sequer piscava os olhos diante das cenas protagonizadas por Errol Flynn e Olivia de Havilland. O filme era *O intrépido general Custer*. A criança era Ivan Araújo Costa (que viria a se tornar o conhecido Ivan Cineminha). Ele fará 80 anos de idade em 11 de maio do ano que vem. Esse cinéfilo está sendo homenageado pela 19ª edição do Fest Aruanda. “É uma coisa fabulosa. Geralmente, fazem depois que o cara morre. Estão fazendo em vida comigo”.

Ivan assistiu ao clássico *O intrépido general Custer* somente em 1952, no município paraibano de Picuí, onde nasceu. Era uma criança de sete anos de idade quando teve seu primeiro contato com a magia do cinema, em uma sessão no Cine Guarani (de propriedade de seu pai). “Nunca saí da minha cabeça. Anotei tudo. E passei a anotar tudo sobre todos os filmes que vi em seguida”, comenta Ivan Cine-



minha, em meio a mais de 10 mil documentos espalhados em diversos cômodos da residência onde mora, no Centro de João Pessoa, a sua “casa-cinema”.

Quatro anos depois de anotar tudo durante sua sessão de *O intrépido general Custer*, Ivan mudou-se de mala e cuia para a capital paraibana. Passou a morar a mais de 200 km de sua cidade natal, mas o domicílio do amor pelo cinema permaneceu no mesmo lugar de sempre... O amor até aumentou. “Em Picuí tinha um cinema, o Cine Guarani. Aí eu me mudei para João Pessoa, onde havia muitas mais salas de cinema e muito mais filmes para ver”.

Foi justamente aí que ele ganhou seu apelido. “Eu estudava no Lyceu Paraibano e costumava faltar aulas para poder assistir aos filmes nos cinemas do Centro”, contou o cinéfilo. “Então, a professora passou a me chamar de Ivan Cineminha”.

João Pessoa representou muitas mudanças na vida de Ivan. A quantidade de opções de salas de projeção foi uma delas. “Tinha 13 cinemas quando eu cheguei aqui. Depois ainda inauguraram o 14º, o Cine Municipal, em janeiro de 1964, exibindo *Vips – Gente muito importante*, com Richard Burton e Elizabeth Taylor. E o Plaza inaugurou primeiro o sistema de ar-condicionado e *surround system*, com o filme *Quando setembro vier*, com Rock Hudson, Gina Lollobrigida e Sandra Dee. Assisti à morte de todos os cinemas de rua”, lamenta Cineminha.

Foi em João Pessoa que ele teve seu primeiro emprego. Trabalhou por décadas em uma loja de equipamentos eletroeletrônicos (especificamente voltados para o audiovisual). Na capital paraibana, ele se casou e teve filhos. “Os nomes dos meus filhos são Elvis, em homenagem a Elvis Presley;



De memória invejável, Ivan Cineminha tem anotações sobre todos os filmes que já assistiu, há mais de 70 anos

Vanessa, em homenagem a Vanessa Redgrave, e Maximilian, que já morreu, em homenagem a Maximilian Schell. Eles sempre gostaram de cinema, mas não como eu. Tenho um irmão, Marcelo, que também é cinéfilo”.

De memória invejável, Ivan Cineminha tem anotações sobre todos os filmes que já assistiu e é capaz de lembrar a ficha técnica de milhares de longas-metragens. Até convidado para o programa *Fantástico*, da Rede Globo, Cineminha já foi. Por duas vezes foi entrevistado por Jô Soares em seu *talk-show* televisivo, na década de 1990. Deixou Anthony Quinn de queixo caído ao lembrar de trabalho do ator norte-americano, que nem ele mesmo lembrava... Quinn teria dito ao paraibano: “Se você morasse na América seria um homem rico”, elogiando o dom de Cineminha sobre a Sétima Arte.

Seu talento mnemônico é assim mesmo: uma enciclopédia ambulante com dados a respeito de milhares e milhares de longas. Tudo visto. Tudo anotado a mão. Tudo na ponta da língua. Nomes de atores, atrizes, cineastas, trilhas sonoras, roteiristas e cenas antológicas. Anotar está relacionado a uma metodologia, mas também a um medo. “Todo ano, eu faço meus exames porque tenho medo do Mal de Alzheimer.

Eu tenho um caso na família. Tenho medo de esquecer as coisas do cinema. Por isso é que faço as anotações. Tem 72 anos que eu anoto. E eu continuo com o mesmo gosto de ver cinema”, relatou o cinéfilo paraibano.

Munido de seus inseparáveis cadernos, ele anota (e decora) todas as milhares de sessões que já assistiu. “Hoje em dia, eu vejo dois filmes por dia”, contou ele. “Já assisti a mais de 20 mil filmes”, conta Cineminha, que foi protagonista do documentário *O contador de filmes* (2010), curta dirigido pelo jornalista paraibano Elinaldo Rodrigues e já exibido em uma edição anterior do Fest Aruanda. Apaixonado por motos e fã dos Beatles e Elvis, é uma figura que é só amor. Amor pela arte. Um amor elevado à sétima potência e de memória afetiva invejável.

Os filmes da vida dele são *Cinema Paradiso* (1990), de Giuseppe Tornatore, e *Seu único pecado* (1940), de Louis King. “Infelizmente, não existe mais ‘grande filme’. Os últimos grandes filmes que eu vi foram *O pianista* [de 2002] e também *A lista de Schindler* [de 1993]. No futuro, não vai ter saudosista como eu...”, concluiu Ivan Cineminha, enquanto toca ao fundo a música tema do filme *Love Story*.

# Suzy Lopes:

uma atriz de todos os palcos

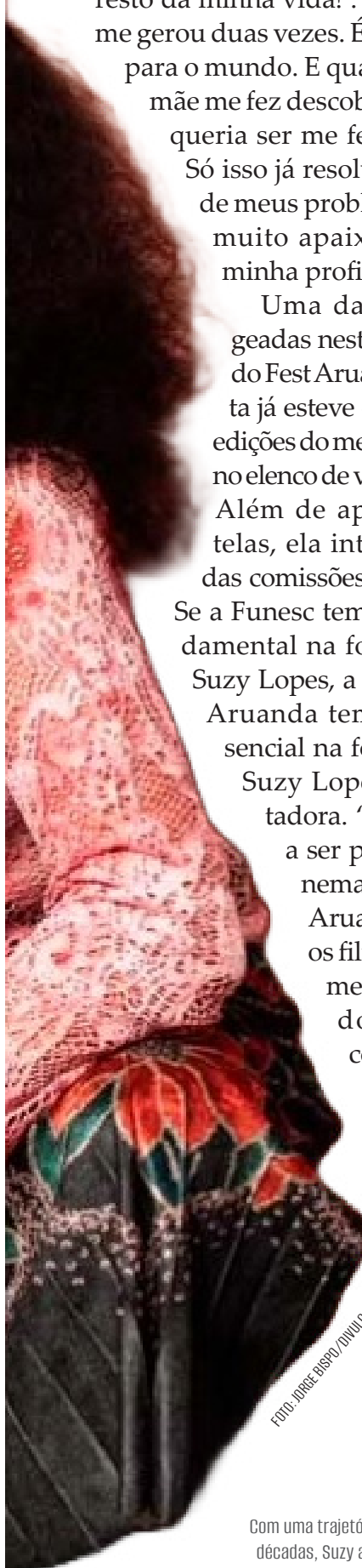
Jãmarri Nogueira

Especial para o *Correio das Artes*

Na primeira metade da década de 1990, uma menina vinda de Cajazeiras, no Sertão da Paraíba, para a capital — com a sua família — estava mais que certa de que seria psicóloga quando adulta. Era adolescente. Quinze anos de idade. Tomou um susto quando escutou sua mãe dizer que acabara de fazer a sua matrícula em um curso de teatro. Aquilo bastou para que um “conflito unilateral” fosse iniciado. Aquilo bastou para que nascesse uma grande atriz: Suzy Lopes.

Para a menina, parecia que a mãe havia passado por cima de seus sonhos na área da psicologia. Mesmo a contragosto, já matriculada, a menina tratou de frequentar as aulas oferecidas na Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc), com o professor Roberto Cartaxo. Não demorou para se apaixonar pelas artes cênicas. Não demorou para decidir que sua graduação seria em teatro (área em que concluiu também um mestrado).





“Eu cheguei em casa e me ajoelhei aos pés da minha mãe e disse: ‘Mãe, obrigada! A senhora me fez descobrir o que eu quero ser para o resto da minha vida!’. Minha mãe me gerou duas vezes. É meu portal para o mundo. E quando minha mãe me fez descobrir o que eu queria ser me fez renascer. Só isso já resolveu metade de meus problemas... Sou muito apaixonada por minha profissão”.

Uma das homenageadas nesta 19ª edição do Fest Aruanda, a artista já esteve em diversas edições do mesmo evento, no elenco de vários filmes. Além de aparecer nas telas, ela integrou uma das comissões julgadoras. Se a Funesc tem papel fundamental na formação da Suzy Lopes, a atriz, o Fest Aruanda tem papel essencial na formação da Suzy Lopes, a espectadora. “Eu aprendi a ser plateia de cinema com o Fest Aruanda, vendo os filmes das primeiras edições do evento”, confessa.

Entre curtas e longas-metragens,

FOTO: JORGE ESPINO / DIVULGAÇÃO

Com uma trajetória artística de duas décadas, Suzy atuou em mais de 40 longas-metragens, além de diversas peças, séries e telenovelas

atuou em mais de 40 produções brasileiras, como *Fim de festa*, de Hilton Lacerda; *Divino amor*, de Gabriel Mascaro; *A febre*, de Maya Da-rin; *Levante*, de Lillah Halla; *Vestido branco, véu e grinalda*, *Era uma vez eu*, *Verônica* e *Paloma*, todos de Marcelo Gomes. Impossível não mencionar *Bacurau*, de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, ovacionado no Festival de Cannes, em 2019. “Sempre me perguntam sobre como *Bacurau* mudou minha vida... Foi um projeto surreal. As relações existem até hoje”.

Na televisão, a artista paraibana integrou elenco das novelas *Quanto mais vida melhor*, *Mar do sertão* e *No Rancho Fundo*. Suzy também atuou na série *Cine Holliúdy*.

Bacharel em Teatro pela UFPB (2013) e mestra em Literatura e Interculturalidade pela UEPB (com pesquisa na dramaturgia paraibana dos anos 1990), Suzy Lopes tem uma trajetória de duas décadas dedicadas às manifestações teatrais. Em João Pessoa, a partir de 2005, produziu e protagonizou o *Café em Verso e Prosa* (que depois foi rebatizado como *Sarau de Suzy*).

No decorrer da sua vida profissional, entre os cargos de destaque, está o da Coordenação de Teatro da Funesc, em 2015, ano em que comemorou 20 anos da sua carreira. Para o ano de 2025, a atriz está aguardando a estreia de *O agente secreto*, filme de Kléber Mendonça Filho (protagonizado por Wagner Moura). A atriz paraibana também estará na novela *Guerreiros do Sol*, que estreia ano que vem, dentro da programação de comemoração dos 60 anos da Rede Globo.

**“Eu aprendi a ser plateia de cinema com o Fest Aruanda, vendo os filmes das primeiras edições do evento”**

# Lucy Alves:

## uma artista de muitas faces

Jãmarri Nogueira

Especial para o *Correio das Artes*

Se há quem acredite que crianças são trazidas ao mundo por cegonhas ou repolhos, é possível imaginar que a paraibana Lucy Alves, 38, é fruto de sanfona resfolegada após três batidas do cajado de Molière. Mulher de sete instrumentos e de muitos talentos, Lucy é mais que artista multitudinária. Na música e em diversas produções audiovisuais, ela já deu provas de suas plurais qualificações. Não à toa, está sendo homenageada no 19º Fest Aruanda.

A sua estreia na TV foi em 2016, quando viveu a antagonista Luzia dos Anjos, em *Velho Chico*. No ano seguinte, esteve em *Tempo de amar*, e, em 2020, interpretou a protagonista de *Amor de mãe* na primeira fase da novela. Em 2022, estreou na Netflix na série *Só se for por amor*. No mesmo ano, participou da segunda temporada do programa *The Masked Singer Brasil*, sendo a Leoa, chegando na final e ficando em terceiro lugar.

Em 2024, ela ainda arrasou no quadro *Dança dos Famosos*, da Globo. Depois de ser protagonista de *Travessia*, fez uma participação em *Renascer*. A estudante de violino que aprendeu muitos outros instrumentos se tornaria cantora. E a cantora se tornaria atriz. Se tornaria sempre



FOTO: FRED OTHERO/DIVULGAÇÃO

Além de ter uma carreira musical consolidada, Lucy estrelou em musicais, séries e telenovelas

algo mais, sem deixar de ser aquilo que ela sempre foi.

Em 2013, Lucy já havia se destacado no *reality The Voice Brasil*, o que lhe rendeu convite para participar do musical *Nuvem de lágrimas*, recebendo uma indicação para o prêmio Bibi Ferreira. Ainda na carreira musical, em 2016, com o álbum *Lucy Alves & Clã Brasil no Forró do Seu Rosil*, ela foi indicada ao Grammy Latino. E ainda teve indicação da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA).

Antes mesmo do *The Voice Brasil*, Lucy já chamara a atenção de grandes nomes da música em parcerias no palco e em estúdio. Já gravou e tocou ao lado de Dominginhos, Marinês, Pinto do Acordeon, Sivuca, Quinteto Viado e Oswaldinho do Acordeon. Fez parte da banda de Alceu Valença em shows pelo Brasil, participando de projetos como o *Pixinguinha* (com o grupo Chorrissó) e do Festival Internacional da Sanfona.

A paraibana iniciou sua carreira na música ainda criança no Grupo Clã Brasil, ao lado das três irmãs e dos pais. Formada em música pela UFPB, Lucy lançou o primeiro CD, *A Sedução do Clã Brasil*, em 2002, e desde então tem se firmado como uma voz potente na representatividade nordestina musical. Este ano, a artista lançou o *single* "Melaço", que aposta na sensualidade e no calor do Nordeste. Esse projeto faz parte de um EP da artista, também lançado este ano. Apesar de ter nascido em

berço musical, Lucy equilibra seus dons artísticos e se firma como uma grande atriz.

Vocação ela descobriu aos quatro anos de idade, quando passou a integrar o projeto *Formiguinhas*. Não demorou para se tornar violinista na Orquestra Infantil da Paraíba e da Camerata Izabel Burity. Em sua última apresentação na capital paraibana (acompanhada da Orquestra Sinfônica da Paraíba, no aniversário de 439 anos da cidade), Lucy destacou a importância de sua formação musical na infância quando aluna da Escola de Música, localizada no Espaço Cultural José Lins do Rego.

Logo Lucyane Pereira Alves se tornaria Lucy Alves. Com o Clã Brasil, ela lançou oito álbuns, sendo dois discos ao vivo e dois DVDs. Após sua participação no programa *The Voice Brasil*, assinou contrato com a gravadora Universal, lançando a sua carreira solo.

Nordestina. Mulher. Preta. Lucy Alves costuma dizer que precisa provar sempre com mais força e por mais de uma vez que é capaz e talentosa. Das salas de concerto e dos palcos dos segmentos pop e MPB aos *sets* de gravação de séries e novelas, a artista segue vencendo e convencendo. Inegável seu desejo permanente por aprendizados e parcerias. Uma artista que respeita suas raízes, mas que não fecha os olhos frente a esse horizonte de possibilidade que chamamos futuro.

**Na música e em diversas produções audiovisuais, a paraibana já deu provas de suas plurais qualificações**

Jámarri Nogueira atua como jornalista há 30 anos. É crítico de cinema na Band News Manáira e tem o blog 'Clape Clape Clape', além de apresentar o programa 'Espaço Cultural' (na Tabajara FM). É cerimonialista do Fest Aruanda.



## FEST ARUANDA DO AUDIOVISUAL INTERNACIONAL DA PARAÍBA PROGRAMAÇÃO OFICIAL

### 5 de dezembro (quinta-feira)

#### Foyer da área VIP Cinépolis (Manaíra Shopping)

- **18h30** – Lançamento Literário: *Luz, Câmera... Crítica! Arqueologia e Memória do Crítico Linduarte Noronha* (Editora A União, 2024), organizado por Lúcio Vilar.

#### Sala 9 (MacroXE) – Cinépolis (Manaíra Shopping)

- **19h30** – Solenidade de Abertura Oficial do 19º Fest Aruanda.

Homenagem Póstuma: Vladimir Carvalho (1935-2024).

- **20h30** – Filmes de Abertura: *A Bolandreira*, de Vladimir Carvalho (doc., 1968, 10 min., PB, livre); *Malu*, de Pedro Freire (fic., 2024, 103 min., RJ, 16 anos).

### 6 de dezembro (sexta-feira)

#### Mesas/debates presenciais, com transmissão ao vivo (YouTube e Facebook do Fest Aruanda) na Sala Bessa (Hotel Aram)

- **10h** – Diálogos Audiovisuais Aruanda-Energisa I: Debate com o diretor Pedro Freire, do filme de abertura;
- **11h** – Diálogos Audiovisuais Aruanda-Energisa II: *Trajetória e legado do Cinema de Vladimir Carvalho em 64 anos de história com a câmera apontada para o real.*

#### Sala 9 (MacroXE) – Cinépolis (Manaíra Shopping)

- **10h30** – Sessão Caleidoscópio Universitário;



- **16h** – Sessão Núcleo Memória e Preservação Audiovisual do Fest Aruanda  
Estreia de filmes digitalizados em 4K: *Aruanda*, de Linduarte Noronha (doc., 1960, 22 min., PB, livre); e *Funes-to, Farsa Irreparável em Três Tempos*, de Carlos Dowling (fic., 1999, 44 min., PB, 10 anos).
- **18h** – Mostra Competitiva Sob o Céu Nordeste (curtas e longas);
- **21h30** – Mostra Competitiva Nacional (curtas e longas).

### 7 de dezembro (sábado)

#### Mesas/Debates presenciais, com transmissão ao vivo (YouTube e Facebook do Fest Aruanda) na Sala Bessa (Hotel Aram)

- **9h** – Diálogos Audiovisuais Aruanda-Energisa/Cagepa I: Debate com os diretores dos curtas-metragens exibidos no dia anterior;
- **10h** – Diálogos Audiovisuais Aruanda-Energisa II: Debate com os diretores dos longas-metragens exibidos no dia anterior;
- **11h** – Painel: *Digitalizações*

em 4K/2K e novas tecnologias a serviço da preservação e da memória.

### Sala 9 (MacroXE) – Cinépolis (Manáira Shopping)

- **11h** – Sessão Cine Aruandinha (exibição de filmes infantojuvenis, uma parceria Fest Aruanda/Cufa-PB;
- **15h** – Sessão Cagepa Homenagem ao maior cinéfilo da terra, Ivan Cineminha, com exibição do curta *O Contador de Filmes* (doc., 2010, 15 min., PB, livre), de Elinaldo Rodrigues, e entrega de Troféu Aruanda ao homenageado.
- **16h** – Sessão Especial: TV & Cinema.

### Foyer da área VIP Cinépolis (Manáira Shopping)

- **17h** – Lançamento Literário Abraccine (Associação Brasileira de Críticos de Cinema): *Cinema Fantástico Brasileiro: 100 Filmes Essenciais* (Grupo Editorial Letramento, Coleção Lumière), organizado por Gabriel Carneiro e Paulo Henrique Silva; *O Brasil Phantastiko No Cinema* (Polytheama/Selo Phantastika), de Luiza Lusvarghi e Ana Catarine Mendes da Silva; e revista *Phantastika*.

### Sala 9 (MacroXE) – Cinépolis (Manáira Shopping)

- **18h** – Mostra Competitiva Sob o Céu Nordeste (curtas e longas);
- **21h30** – Mostra Competitiva Nacional (curtas e longas).

### 8 de dezembro (domingo)

### Sala 9 (MacroXE) – Cinépolis (Manáira Shopping)

- **11h** – Sessão Cine Aruandinha (exibição de filmes in-

fantojuvenis, uma parceria Fest Aruanda/Cufa-PB;

- **15h** – Sessão Patrocinada Energisa

Homenagem ao fotógrafo Manoel Clemente (1934-2024), com exibição do curta *A Pedra da Riqueza* (doc., 15 min., 1975, PB, livre), de Vladimir Carvalho, com fotografia de Manoel Clemente. Entrega do Troféu Aruanda (póstumo) à família; Entrega de Troféu Aruandaplay Curta Mais Assistido na Plataforma em 2024 para *Flora, a Mãe do Rei*, de Geostenys Melo (*in memoriam*); Homenagem ao diretor Vladimir Carvalho com exibição do longa *Rock Brasília* (doc., 2011, 111 min., DF, 12 anos).

- **18h** – Mostra Competitiva Sob o Céu Nordeste (curtas e longas);
- **21h30** – Mostra Competitiva Nacional (curtas e longas).

### 9 de dezembro (segunda-feira) Mesas/Debates presenciais, com transmissão ao vivo (YouTube e Facebook do Fest

### Aruanda) na Sala Bessa (Hotel Aram)

- **9h** – Diálogos Audiovisuais Aruanda-Energisa/Cagepa I: Debate com os diretores dos curtas-metragens exibidos no fim de semana;
- **10h** – Diálogos Audiovisuais Aruanda-Energisa II: Debate com os diretores dos longas-metragens exibidos no fim de semana;
- **11h30** – Diálogos Audiovisuais Aruanda-Itaú Cultural: *Emergência e descentralização da produção audiovisual paraibana, entre curtas, festivais e mostras*.

### Sala 9 (MacroXE) – Cinépolis (Manáira Shopping)

- **10h30** – Sessão Agroecológica Feminina;
- **15h** – Sessão patrocinada PB-Gás (Cinema & Literatura): *O Engenho de Zé Lins* (doc., 2007, 80 min., PB, livre), de Vladimir Carvalho;
- **18h** – Mostra Competitiva Sob o Céu Nordeste (curtas e longas);
- **21h30** – Mostra Competitiva Nacional (curtas e longas).



FOTO: DIVULGAÇÃO/FILMES DO ESTÁGIO

Atriz Yara de Novaes é a protagonista da ficção 'Malu', longa-metragem que abre a 19ª edição do Fest Aruanda

**10 de dezembro (terça-feira)**  
**Mesas/Debates presenciais,**  
**com transmissão ao vivo**  
**(YouTube e Facebook do Fest**  
**Aruanda) na Sala Bessa**  
**(Hotel Aram)**

- **9h** – Diálogos Audiovisuais Aruanda-Energisa/Cagepa I: Debate com os diretores dos curtas-metragens exibidos no dia anterior;
- **10h** – Diálogos Audiovisuais Aruanda-Energisa II: Debate com os diretores dos longas-metragens exibidos no dia anterior;
- **11h** – Diálogos Audiovisuais Aruanda-Itaú Cultural: *Memórias de um Conterrâneo Velho de Guerra (a partir do testemunho de ex-alunos, colaboradores, parceiros, pesquisadores e produtores).*

**Sala 9 (MacroXE) – Cinépolis**  
**(Manaíra Shopping)**

- **10h30** – Sessão Escola Pública (livre).

**Sala Bessa (Hotel Aram)**

- **15h** – Sessão Itaú Cultural com o cantor Ney Matogrosso: *Desvendando os Ca-*

*minhos da Música e o Ofício de Interpretar.*

**Sala 9 (MacroXE) – Cinépolis**  
**(Manaíra Shopping)**

- **15h** – Sessão Competitiva: Mostra Internacional Cinema dos Quatro Cantos do Mundo (Portugal/União Europeia, Estados Unidos e China);
- **18h** – Mostra Competitiva Sob o Céu Nordeste (curtas e longas);
- **21h30** – Mostra Competitiva Nacional (curtas e longas).

**11 de dezembro (quarta-feira)**  
**Mesas/Debates presenciais,**  
**com transmissão ao vivo**  
**(YouTube e Facebook do Fest**  
**Aruanda) na Sala Bessa**  
**(Hotel Aram)**

- **9h** – Diálogos Audiovisuais Aruanda-Energisa/Cagepa I: Debate com os diretores dos curtas-metragens exibidos no dia anterior;
- **10h** – Diálogos Audiovisuais Aruanda-Energisa II: Debate com os diretores dos longas-metragens exibidos no dia anterior;

- **11h** – Diálogos Audiovisuais Aruanda-Itaú Cultural: *Susy Lopes e Lucy Alves – Duas Atrizes, duas Trajetórias pela Música, Teatro, Cinema e Tele-dramaturgia.*

**Sala 9 (MacroXE) – Cinépolis**  
**(Manaíra Shopping)**

- **10h30** – Sessão com acessibilidade;
- **14h** – Mostra Panorama do Cinema Negro Paraibano (curtas);
- **16h** – Sessão Avant-Première Paraibana: *Oeste Outra Vez* (fic., 2024, 97 min., GO, 16 anos), de Erico Rassi;
- **19h30** – Cerimônia de Encerramento

Atrizes paraibanas homenageadas com entrega de Troféu Aruanda: Suzy Lopes e Lucy Alves.

**Filmes de Encerramento:**

*Atrito* (fic., 2017, 18 min., PB, 16 anos), de Diego Lima;

*Alma Negra – Do Quilombo ao Baile* (doc., 2024, 105 min., SP, 14 anos), de Flávio Frederico.

- **21h30** – Cerimônia de Premiação.



FOTO: JANUÁRIO GARCIA/IMS

Cena do documentário 'Alma Negra – Do Quilombo ao Baile', que encerra o festival: marcha Zumbi está Vivo, no Rio de Janeiro, em 18 de novembro de 1983



Por meio do QR  
Code acima,  
acesse o site oficial  
do Fest Aruanda

# A voz literária da diáspora: Aida Gomes

## e os ecos de uma Angola distante

**Eduardo Augusto**  
Especial para o *Correio das Artes*



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Nascida em Angola e radicada em Portugal, Aida Gomes é uma escritora que carrega nas palavras o peso da história, da memória e da identidade. Sua obra mais conhecida, *Os pretos de Pousaflores*, traz à tona as complexidades das experiências africanas e da diáspora, mergulhando o leitor em temas como o racismo, o exílio e a preocupação de se manter laços com a terra natal.

Por meio de uma narrativa sensível e pungente, Aida explora as múltiplas camadas da identidade afrodescendente em uma Europa marcada por contrastes e desafios culturais. Com um estilo literário assinado pela profundidade psicológica de seus personagens, a autora tem conquistado não apenas o reconhecimento da crítica, como também o afeto de leitores que se identificam com as suas histórias de deslocamento e pertencimento.

Na entrevista a seguir, ela nos oferece um olhar íntimo sobre sua trajetória, suas influências e as motivações por trás da sua escrita. Uma autora que, com suas palavras, construiu pontes entre continentes, culturas e gerações.

Escritora angolana radicada em Portugal explora as múltiplas camadas da identidade afrodescendente em uma Europa marcada por contrastes e desafios culturais

## A entrevista

### ■ Poderíamos começar a entrevista com você falando um pouco sobre sua trajetória.

Nasci em Angola, ainda no período colonial. Cheguei a Portugal aos oito anos, mas, aos 18, eu me mudei para a Holanda, onde me formei em Sociologia e Estudos do Desenvolvimento. Apesar de querer ser jornalista, almejava contribuir para um mundo mais justo. Acabei em missões de paz da ONU em Angola, na Libéria, no Sudão do Norte e do Sul, na Guiné-Bissau e no Kosovo, até 2017. Subconscientemente, a guerra civil, que continuava em Angola, motivou o meu percurso de vida. Desassossego, cansaço, desesperança, (mas jamais cinismo), foram a herança de duas décadas de trabalho. Felizmente, a literatura me deu alento todos esses anos.

### ■ No livro *Os pretos de Pousaflores*, você trabalha com o regresso dos colonizadores que ocupavam Angola até sua independência. O termo “retorno” não é considerado adequado para aqueles que perderam suas conquistas. Pode falar um pouco mais sobre isso?

Existe um consenso de que, no período da descolonização, entre 1975 e 1979, ocorreu um êxodo da população “portuguesa” das antigas colônias, em números estimados entre 500 mil a 800 mil pessoas. Entre esses, uma pequena metade tinha nascido em África e uma minoria era negra ou afrodescendente. Este último segmento foi apagado da narrativa oficial. Os que regressaram não formavam um grupo homogêneo de “brancos” portugueses colonizadores. Tampouco a narrativa desse momento his-

“Os pretos de Pousaflores” mergulha em temas como o racismo, o exílio e a preocupação de se manter laços com a terra natal

tórico é única: ela condiciona as representações, o deslocamento e o esquecimento ou instrumentalização da memória.

O Portugal pós-revolucionário transferiu o rótulo de “retornados” para o grupo majoritariamente branco, desvencilhando a sociedade do ônus desses 500 anos de ocupação colonial. A narrativa política etiquetou esse grupo de agentes do escravagismo e da opressão. Os segmentos negro e afrodescendente em Portugal seriam, na melhor das hipóteses, colaboradores do colonialismo e, na pior, traidores do seu próprio povo de origem. Nesse mar de hostilidade, os chamados “retornados” reintegraram-se na década de 1980, ocultando-se do espaço público.

Porém, a chamada “fratura colonial” ressurge pela literatura, quando nos anos 1980 e 1990 autores consagrados como António Lobo Antunes retomam esse passado, na memória traumática da guerra. A partir deste período, o mercado literário abre-se para a memória nostálgica de perda de uma África idílica, contrapondo o trauma colonial. Cinco décadas

depois, muitos desses países descolonizados passaram por uma independência puramente formal, retraindo vínculos a interesses geopolíticos pouco favoráveis à prosperidade e ao bem estar dos seus próprios povos, provocando novos fenômenos migratórios. A palavra “retorno”, nesse sentido, não explica as idas e vindas entre países filiados a ferro e fogo.

*Os pretos de Pousaflores* foi publicado em 2011, num momen-

to de abertura para a memória histórica sobre a descolonização e o chamado “retorno”, mas problematiza a questão em si. São histórias envolvendo violência, perda e desorientação humana, até àquela altura, representadas e desenvolvidas na literatura (quase que somente) conforme o olhar da população branca portuguesa. Minha ideia era dar voz ao colonizador e ao colonizado, à vítima e ao algoz, à criança e ao parente, à mulher e ao homem, ao negro e ao branco; dicotomias necessárias para contrariar a narrativa hegemônica portuguesa sobre a descolonização.

### ■ Como encara o trabalho de outros pensadores e guerrilheiros que escreveram e lutaram contra a colonização, como Frantz Fanon e Amílcar Cabral?

Vejo Frantz Fanon e Amílcar Cabral como líderes revolucionários históricos que inspiraram ideologicamente e ativamente a luta anticolonial e anti-imperialista no continente africano. Lamentavelmente, eles transformaram-se em ícones de revoluções inacabadas. Nesse primeiro quarto século 21, testemunhamos

um neoliberalismo que, na verdade, é um capitalismo com novas roupas e com apetite renovado. Por isso, que permaneça gravado o que Fanon propunha: a necessidade de libertação de uma psique colonizada e a humanização dos excluídos do banquete dos novos-ricos deste milênio.

Nas minhas andanças por países africanos independentes e nas reflexões sobre as novas elites africanas, parasitas do presente e do futuro de vastas populações, vinham à mente as análises proféticas de Fanon, expressas nos livros *Pele negra, máscaras brancas* e *Os condenados da terra*: quantos libertadores da pátria se tornaram iguais ou ainda piores do que os opressores anteriores?

Trabalhei alguns anos na Guiné-Bissau, país que, com Cabo Verde e pelo pulso de Amílcar Cabral, foi essencial na luta armada contra o poder colonial. Nunca vivi com um povo tão generoso e humilde, mas tão dolorosamente impotente perante a rocambolesca sede pelo poder estatal. De Cabral, que permaneça em nós a virtude de não perdermos a integridade, a vulnerabilidade, a ternura e a profunda ingenuidade política, de acreditar ser possível mudar o caminho da humanidade, amando profundamente o povo oprimido.

### ■ Como você conseguiu equilibrar as experiências reais com a ficção?

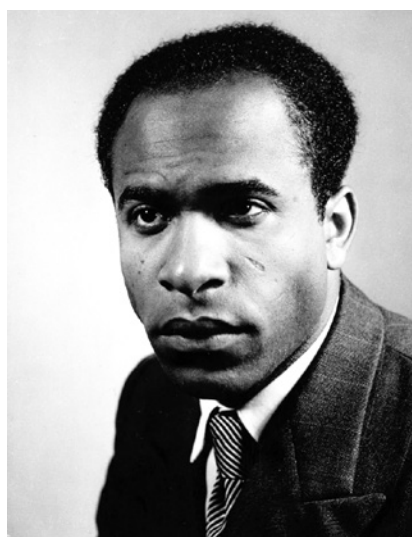
Há um lado meu que tem intensa curiosidade pela experiência humana e que só consegue se satisfazer pela comparação e pelo estudo que a pesquisa oferece. Mas, no final, o meu maior desafio foi verter o conhecimento e a compreensão da realidade adquiridos pela pesquisa com personagens literários de “carne e osso”, ouvindo o som de sua

melodia interior e discernindo os contornos da sua linguagem distinta e humana.

### ■ Como tem sido a recepção de *Os Pretos de Pousaflores* entre os leitores e a crítica?

É um pouco difícil responder a essa pergunta e, por isso, coloco um excerto de um artigo do professor Francisco Topa, da Universidade do Porto, em Portugal, que resume a recepção da obra: “[o livro] recebeu pouca atenção da crítica quando foi publicado, mas vem merecendo desde aí uma série de estudos acadêmicos” (Citcem, 2024). Penso que cheguei a alguns leitores, quer pela afinidade com África, quer

## Psiquiatra e escritor Frantz Fanon (1925-1961) propunha a necessidade de libertação de uma psique colonizada e a humanização dos excluídos



Eduardo Augusto é graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e gerente operacional de produtos editoriais da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC). Mora em João Pessoa (PB).

pela escrita, mas por ser um livro exigente e reflexivo, precisa de tempo para sedimentar.

### ■ O que os leitores podem esperar dos próximos livros?

O primeiro e mais próximo será uma coletânea de impressões, crônicas e contos dos últimos vinte anos, frutos da minha peregrinação pelo mundo: *Borboletas que bebem lágrimas dos olhos dos crocodilos*. É certo que ele sairá em Portugal ainda este ano pela Visgarolho, uma editora independente. O segundo será para breve e tem como tema a migração na Holanda, trazendo um pouco da história LGBTQIAPN+ desse país, cuja aceitação e descriminalização das relações entre pessoas do mesmo gênero vêm desde 1811. As personagens principais são um indivíduo *queer* holandês e uma faxineira portuguesa.

### ■ Hoje, vemos a extrema direita em ascensão em vários lugares do mundo. Que caminhos você indica para o enfrentamento dessas forças?

O parcelamento social parece ser engenhosamente manipulado por interesses políticos, de forma a sustentar um alheamento das consequências do neoliberalismo. Talvez possamos arranjar uma forma de povoar novamente o espaço público com movimentos que defendam o cerne da desigualdade social – a falta de solidariedade e empatia humana universal. Como fazer isso? Combatendo a ignorância, lendo autores árabes, chineses, russos, africanos, brasileiros, franceses, sudaneses, *ad infinitum*.

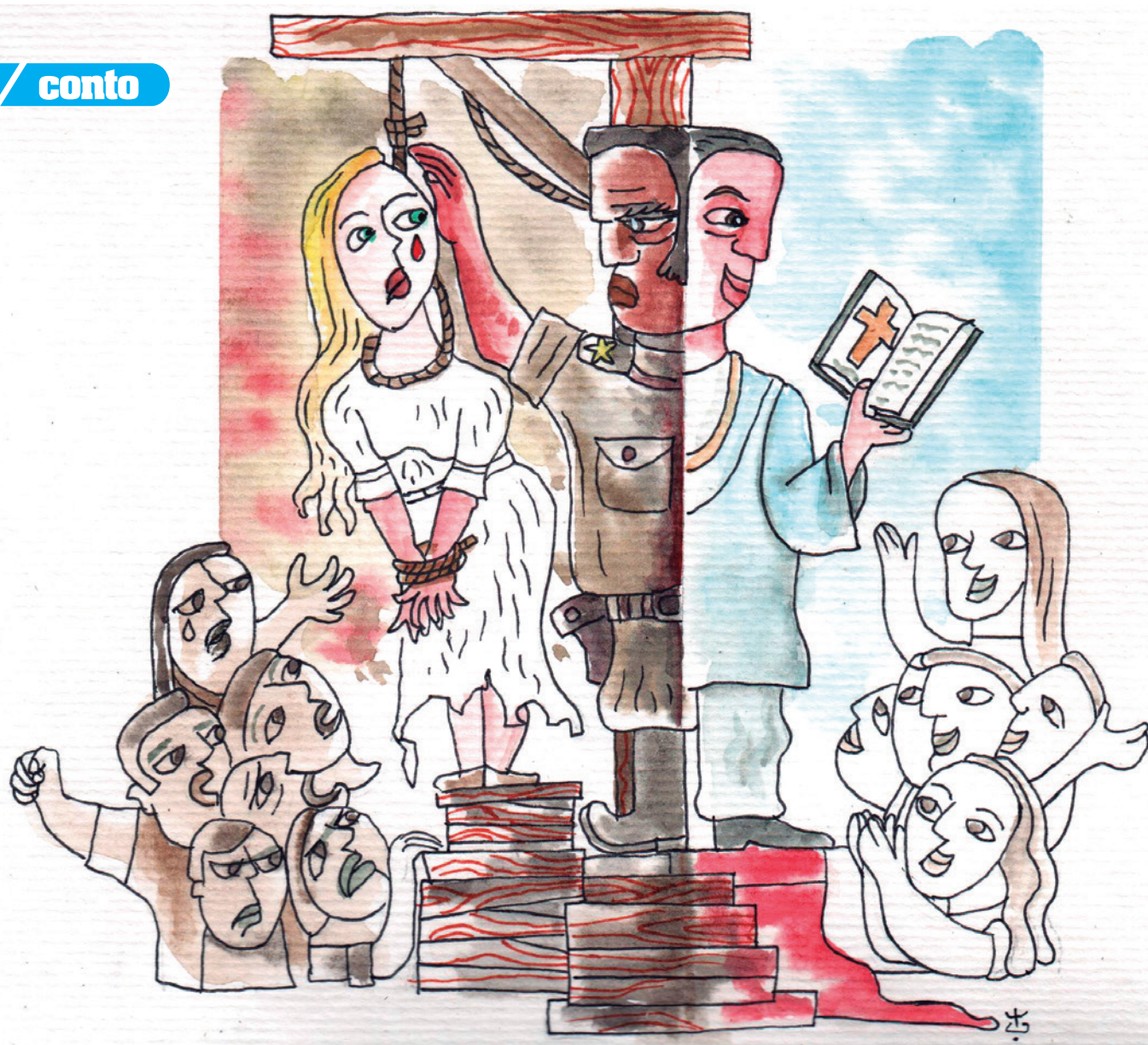


ILUSTRAÇÃO: TÔNIO

# Vice-versa

Cláudio Feldman

Especial para o *Correio das Artes*

1

Na véspera de meu casamento com Elizabeth Berry, filha de um pastor protestante, meu quase sogro chamou-me a um canto claro-escuro do templo para conversarmos.

Julguei que o assunto seria o meu enlace com Elizabeth, mas não era.

O Sr. Bernard disse-me, numa voz discreta:

— Nicanor, não quero que exista sombra alguma em nossas relações familiares. Então, estou lhe revelando algo que, a não ser minha filha, ninguém no Brasil

sabe. Promete que ficará tudo entre nós, apenas?

— Prometo — respondi, curioso. — Só não digo que minha boca é um túmulo, pois pensará que tenho halitose.

— Não brinque, Nicanor, que o conteúdo é mais sério do que imagina.

— Desculpe, às vezes extrapolo minha profissão de humorista.

— Vamos ao que interessa: para começar, meu nome não é Bernard Berry, mas Ralph Craig, o ex-maior carrasco da Inglaterra...

Meu uivo de espanto foi tão

agudo que ecoou em todo o templo, mais alto do que um sino que, de hora em hora, bimbalhava.

Logo que o silêncio voltou, meu quase sogro também retomou a palavra:

— Comecei a minha carreira de assassino legal no ano em que Neville Chamberlain tornou-se o primeiro-ministro, aí por 1937. Mas apenas como auxiliar do carasco Paul White, de quem aprendi tudo o que sei. Só com o falecimento de meu mestre é que fui elevado à uma alta e sanguinária dignidade. Era uma época difícil, com uma grande guerra no ar, depressão econômica, inquietação, e muitos crimes aconteciam. No meu tempo de aprendiz coparticipei de 307 execuções...

— Pelo jeito, Paul White adorava os instrumentos de corda...

— ...e, se somar o meu período de chefe, com 193 vítimas, teremos 500 seres humanos. Assassinos, ladrões, incendiários, tarados e espiões, é verdade, mas pessoas a quem privei do bem mais precioso: a vida!

— Não deveria ter remorso, pois, assim, a sociedade inglesa purificou-se, com menos ameaças aos homens respeitáveis.

— Muitos destes, aliás, também eram bandidos, porém oficiais, e continuaram impunes até a sua morte. E depois, homenagens, estátuas.

Calei-me, sem argumento, e meu quase sogro continuou:

— Meses após o fim da guerra, eu estava comprando charutos no centro menos bombardeado de Londres, quando fui abordado por um senhor esguio, de cavanhaque, que se apresentou como Mondragón, linotipista de um jornal. Encontrara fotos e informações sobre meu ofício nesse periódico e me procurava há dias, a fim de me revelar um erro judiciário do qual eu fizera parte.

— Agatha Christie nunca pensou em adotá-lo como personagem?

— Não, Nicanor, guarde sua verve para Elizabeth, e por favor, não me interrompa.

— Desculpe.

— Mondragón, roído de culpa, me revelou seu terrível segredo: era o verdadeiro autor de um crime imputado a Mary Blonde. Esta jovem, de beleza estonteante, com olhos azuis iluminados de vida, foi enforcada por mim, devido à condenação pelo envenenamento do próprio marido. Mas não tivera nem a mínima cumplicidade no caso: Mondragón o liquidara, por dívidas de jogo, a mando de um chefão. E eu, com tremura nas mãos, suspendera no vazio de uma corda uma inocente! Fiquei tão abalado pelo remorso quanto o Sr. Mondragón, que, após o desabafo, espertamente sumiu.

— Porém os juízes é que erraram no julgamento, o senhor apenas executou o que lhe pediram, de modo neutro, como exigia seu *métier*.

— Sim, mas com o tempo e paciente investigação, encontrei outros casos do mesmo gênero, com minha assinatura. Dezenas de almas enviadas ao outro mundo sem culpa alguma, através de meu laço!

— Nem todos os sinônimos de horror de um dicionário podem expressar o que eu sinto!

— Isto acabou por me fazer um revoltado pelo meu sinistro emprego. Pedi demissão do cargo, sem lamentar o excelente salário. Para que minha família sobrevivesse, fui trabalhar na firma exterminadora de pragas de um conhecido...

— Agora o senhor é que está se

saindo um humorista!

— ... até que resolvi seguir paralelamente um curso de evangelização, como parte de um futuro plano. Mas vamos até a cozinha beber uma limonada, que a garganta exige.

## 2

— Mudei-me para os Estados Unidos, onde fiz-me pastor, para combater a pena de morte, pelo púlpito, naquele país. As coisas andaram bem durante certo tempo, mas o clima macarthista que invadiu aquela nação também me atingiu. Meus sermões violentos contra a cadeira elétrica e o gás irritaram os olheiros do FBI, que me apontaram como comunista, e fui expulso da terra da Estátua da Liberdade.

— E aí veio para cá ou passou por outro lugar, antes?

— Para sorte sua e de Elizabeth, vim para o Brasil, um mapa cheio de remendos, mas não pena de morte, ao menos na Constituição. E aí, Nicanor, gostaria de saber se me perdoa por meu passado sangrento.

— Sim. Por sua vice-versa. Mas não desculpo os torturadores anistiados, que nunca se arrependem do que fizeram durante a Ditadura Militar.

## 3

No dia 2 de março de 1980 (lembro-me bem da data, pois era aniversário de minha mãe), eu e Elizabeth estávamos prolongando a lua de mel, em Poços de Caldas, Minas Gerais, quando um telefonema azedou o recreio: Bernard Berry, aliás, Ralph Craig, havia sofrido um infarto sem volta. Mary Blonde e seus companheiros deviam estar alfinetando o velho coração.

Cláudio Feldman é professor aposentado de Língua & Literatura e autor de mais de 60 livros, o mais recente sendo 'Mulheres do Escuro', contos e novelas, lançado pela Editora Taturana, em 2024.



**Analice Pereira**  
*marianalice@hotmail.com*

## Estácio, eu e você

(da série qualquer maneira de amor  
vale um conto\*)

Anos depois de ter deixado Bebeto pra lá, como se deixa na parede o prego que sustentou o quadro retirado no momento de uma mudança de casa, para a qual se sabe que nunca mais voltará, em cuja rua não mais passará, cujo bairro foi riscado do mapa, Paula se vê, novamente, na armadilha que aninha passado e presente, como se o tempo fosse apenas uma categoria metafísica e não se materializasse no sol se pondo diuturnamente, no enrugamento e outros sinais da pele, na flacidez dos músculos, no cansaço na vista, nas marcas em seu corpo, cada vez mais visíveis.

O convite de Bebeto para um café agora era algo muito estranho para se aceitar assim de primeira. Mas ela poderia mentalizar que seria a tentativa de estabelecerem algum vínculo, de amizade que fosse, sem ultrapassar aquele limite da *mata escura* que, em alguns aspectos, significou o relacionamento deles. Já na cabeça de Bebeto, as intenções eram segundas, terceiras... Acontece que os anos que os distanciavam os impediam de se imaginarem no que pretendiam um do outro. Estariam armando suas próprias armadilhas ou criando suas estratégias de rejeição.

O pavor da finitude da vida do qual Paula não conseguia se desvencilhar, especialmente por ter de lidar com a temática do envelhecimento, desde a primeira internação da mãe, já foi superado por Bebeto, que se percebia já indo longe demais em seus anos de vida. Para ele, já estava de bom tamanho, pois viver é sofrer e se cansar. Esse ajuste de contas estava espelhado no semblante leve e declara-



FOTO: REPRODUÇÃO/PIXABAY

Via-se, agora naquele  
café, numa condição  
que define a sua  
existência, imbuída  
da ideia de que era  
incapaz e insuficiente  
no quesito do  
entendimento dos  
próprios desejos

do na voz serena dele. Sim, estava lidando muito bem com a ideia do fim. Será que ele virou religioso? Só pode! Não. Beбето simplesmente concluía que poderia partir dessa pra melhor a qualquer momento... de boas. Ah! Isso é um sinal de depressão, esse terror que vem afetando a sociedade contemporânea. Também não. Era só, somente só, um tipo de consciência, um jeito de ser e estar no mundo, em que se entendia, definitivamente, que seus 70 anos de vida já tinham sido suficientes. *Não me digam que eu estou louco / é só um jeito de corpo / não precisa ninguém acompanhar.* Além disso, ele dizia que o planeta está colapsando e não adiantava em nada ter medo do fim.

A vida no sítio, decorrente da vitória na luta pela terra, certamente, mudou a cabeça de Beбето. O contato direto com a natureza e tudo o que ela tem de efêmero e de duradouro, a sua consciência de dever cumprido, de ter realizado sua revolução, por pequena e localizada que fosse, na luta por justiça social para aqueles trabalhadores rurais, parece que tudo isso o colocava no lugar de despedida tranquila da vida, pois deixava como patrimônio a sua ação, a sua militância, a sua luta, como exemplo para as novas gerações, embora estivesse certo de que não se teria mais tantas gerações assim. Olhar para si, da perspectiva do que a natureza lhe oferecia, o auxiliava na mudança de pensamento e de atitude diante do perigo que é viver.

Já Paula, condicionada a uma urbanidade que põe em

xeque, diuturnamente, o seu tempo de vida útil numa solidão que é, ao mesmo tempo, acolhedora e devoradora, imaginava-se, enquanto ouvia Beбето, *entregue a paixões que nunca tiveram fim.* Esse verso cristalizava no ar uma força quase irracional de um peito aberto, sempre, na caça da essência do que ela é. Via-se, agora naquele café, numa condição que define a sua existência, imbuída da ideia de que era incapaz e insuficiente no quesito do entendimento dos próprios desejos. Marcada pelo conflito entre agarrar a transcendência esotérica que a alimentava de muita coisa, ou se manter fincada na materialização da vida mundana, precisava harmonizar a angústia de se saber na direção do fim da linha. O semblante de Beбето, somado à calma transmitida por sua voz, foram a chave necessária, naquele momento, para escancarar em Paula o torpor da sua angústia.

— Estamos envelhecidos, Beбето, e eu tenho tanto medo da morte. Me espanta muito essa sua calma diante de um assunto pavoroso como esse.

— *Vamos passear na praça / enquanto o lobo não vem / enquanto sou de ninguém / enquanto quero te ver...*

Isso mesmo. Beбето agora dava para zoar dos medos de Paula e quase a tirava para dançar naquele café, enquanto cantarolava o Melodia. Alheia à brincadeira de Beбето e mergulhada em sua melancolia, Paula não tirava da cabeça aquela canção que vinha compondo sua triste sonoplastia: *Quem sabe eu sinta saudade, hein / Como em qualquer despedida.*

(\*) *Músicas referenciadas: "Caçador de mim", de Sérgio Magrão e Luiz Carlos Sá; "Jeito de corpo", de Caetano Veloso; "Estácio, eu e você", de Luís Melodia; "Não tenho medo da morte", de Gilberto Gil.*

Analice Pereira é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Escreve sobre literatura e, vez ou outra, aventura-se pela ficção. Mora em João Pessoa (PB).

### Mansarda da loucura

Na mansarda da loucura  
o poeta habita.

Hóspede sem rosto,  
viajante sem bagagem,  
semeador de tristeza,  
o poeta habita a mansarda da loucura.

E se prepara,  
a cada noite,  
para empreender a caminhada  
que o leva a cada manhã a aprender  
as lições dos abismos.

### Minha voz

Minha voz ancestral  
não ultrapassa os muros dos jar-  
dins

Minha voz ancestral  
Esquece os gorjeios  
inocentes dos pássaros

Minha voz ancestral  
nada recorda dos dias dilacerados

Minha voz ancestral  
não capta o silêncio

Minha voz ancestral  
é assim:

Um simples cerco me protegendo  
dos dias sem perdão

### Perda

Desperdicei meu tempo a cultivar a palavra  
num jardim estéril de que não sei o nome

Desperdicei meu tempo a cultivar a palavra  
numa tênue flor de frágeis raízes

Desperdicei meu tempo a cultivar a palavra  
à espera de pássaros semeadores

Desperdicei meu tempo a cultivar a palavra  
como um velho monge num jardim de pedras,  
criança sem sono,  
anjo sem asas

### Saudade

Contaminado pela saudade,  
o poeta vive.

Pássaros sem ninhos,  
casas sem telhados,  
vozes sem audição,  
palavra sem perdão,  
o poeta tudo escuta e  
de tudo se contamina.

Crianças desgarradas de mãos adultas,  
boneco dilacerado por desejos impossíveis,  
o poeta é uma alma contaminada pela saudade.

# erto Jales



ILUSTRAÇÃO: TÔNIO

**Carlos Alberto Jales**, é natural de Natal (RN) e reside em João Pessoa (PB). Formado em Filosofia e Direito, lecionou em várias instituições de ensino superior, entre as quais a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Já publicou diversos livros nas áreas de educação e poesia.





**Amador Ribeiro Neto**  
*amador.ribeiro17@gmail.com*

## “De Amor & Morte”, poesia de Vanderley Mendonça

Rememore a lírica trovadoresca e as sublimes cantigas de amor e amigo: os sentimentos cantam mais alto. Agora viaje até a poesia catalã, recorte o traço lírico e deixe-se possuir por sua contemporaneidade sedutora e apaixonante.

Releia Augusto de Campos: a poesia substantiva, clara, concisa. Proprietária absoluta das palavras e seus domínios. Relembre Drummond, poeta dos sentimentos do mundo. Cabral, poeta da pedra, das perdas. Joyce, ourives da linguagem, das linguagens. Sêneca, filósofo da brevidade do tempo. Maiakovski, o outro do poeta.

Reúna estes componentes e o/a leitor/a está começando a ler *De amor & morte: poesia 2013-2021* (São Paulo, Cobalto, 2021), coletânea poética de Vanderley Mendonça:

### Canções reescritas para Beatriz de Dia

#### I

*cantar era o que eu já não queria  
nem por misericórdia ou cortesia*

*e se é mensagem esta canção  
e minha causa a solidão*

*não mais há motivo a lamentar  
as manhãs e as tardes do penar*

*por desamor ou outra coisa dita  
que possa a poesia ser a via*

*de amor e desmesura em outra vida*

#### II

*e sendo o  
amor  
desejo e  
beatriz a  
que não vejo*

*pudesse  
outra vez  
ouvi-la  
ou vê-la  
tão bela*

*ao paraíso  
talvez  
subisse  
por um  
aviso*

*ou ao  
inferno  
descesse  
por seu  
sorriso*

#### III

*e menos têm  
em comum  
a vida e o  
poema  
o verso  
não é prenda  
nem troca  
nem senda  
por ela  
aprenda  
ou à morte  
se renda*

#### IV

*apesar da distância  
a vida é a via  
dois dias dias dias  
um para lembrança  
outro para a poesia*

(...)

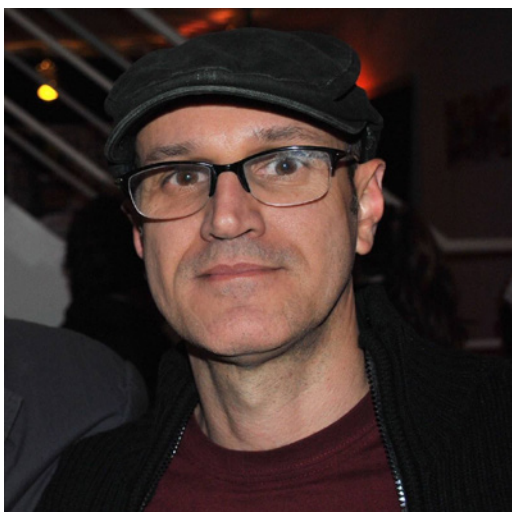


FOTO: ARQUIVO PESSOAL/FACEBOOK

Cearense Vanderley Mendonça é poeta, jornalista, designer, tipógrafo, esgrimista, tradutor e editor do selo Demônio Negro

## Lira em que busco esteio

*você é o melhor de minha vida  
nessa lira em que busco esteio  
sonho que a poesia engravida  
e prova desse meu anseio  
de todo o valor da minha lida  
ou no desejo que me incendeio  
e nem mesmo deus duvida  
do sim que no teu olhar leio  
e me é eterna e ávida  
a luz desse amor que eu creio*

## A última bala no tambor

Para Vladimir Maiakovski

*o que há num nome?  
há uma letra  
a letra era ele e era eu  
um v um m*

*o que há num canto?  
um instante  
e nunca é o bastante  
o resto do viver*

*o que é um gatilho?  
uma vírgula  
e o dedo do poema  
apontando a estrela*

*o que há na dor?  
há um amor  
e uma dádiva:  
a vida ser ofício*

## Meu acento

*ladra à vida  
o cão da minha sina  
faminto de destino  
fera vadia  
franzino  
querendo outro mar  
o canto palestino  
de quem sabe olhar  
pelo brio que obstino  
meu hino  
meu acento  
nordestino*

## Gosto à rima

Para Augusto de Campos  
esgrimador de palavras

*tomei gosto à rima  
(à dor  
que a morte lima  
de baixo para cima)  
e ao amor  
num jogo de esgrima*



FOTO: REPRODUÇÃO/COBALTO

Capa da obra 'De amor & morte', uma antologia poética reunindo versos de Mendonça produzidos entre 2013 e 2021

Vanderley Mendonça, Maranguape (CE), 1963, editor do selo Demônio Negro, é poeta, jornalista, designer, tipógrafo, esgrimista e tradutor. Lecionou Edição na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Estudou Colorimetria no Rochester Institut of Technology (RIT), Rochester, EUA, onde se especializou em Teoria das Cores. Traduziu, entre outros livros, *Poesia Vista*, antologia bilíngue do poeta catalão Joan Brossa (Amauta/

Ateliê, 2005), *Crimes Exemplares*, de Max Aub (Amauta, 2003), *Nunca aos Domingos*, de Francisco Hinojosa (Amauta, 2005), *Greguerías*, de Ramón Gómez de La Serna (Demônio Negro, 2010), *Meninas que vestiam preto*, mini-antologia de mulheres da geração *beat* (Demônio Negro, 2017), *Mini-antologia da poesia holandesa e flamenga* (Demônio Negro, 2019), *Poesia/Gedicht*, de Hermann Hesse (Demônio Negro, 2020). É autor do livro *Illuminuras* (Patuá, 2013).

Amador Ribeiro Neto é poeta, crítico literário e professor titular aposentado da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).



## A vingança de Abel

Nelson Barros

Especial para o *Correio das Artes*

Abel assistia ao pai limpar as armas na sala. Era uma cena comum nos domingos. O som tocando alguma música de boêmios; Teresinha, ressentida de alguma briga da noite passada, geralmente envolvendo outra mulher; o pai, entretido com uma espingarda e o “trezoião”, e o adolescente, com algum livro ou revista de música, cinema, essas coisas. Mas, naquele dia, era um olho no pai, outro na leitura. Intuição, talvez.

Abel estava curtindo demais a revolução dos hormônios. Adorava a musculatura das pernas crescendo, os pelos, as sensações eróticas recém-surgidas e estava silenciosamente apaixonado por Solange, colega da escola, que, obviamente, não sabia dos seus sentimentos.

Tudo aconteceu muito rapidamente. O pai limpava o revólver com algum tipo de óleo, girava o tambor onde eram inseridos os projéteis, olhando lá dentro com um olho fechado, como quem espia numa luneta, devolvendo, em seguida, para a posição original. Experimentava o gatilho, fazendo com que o mecanismo onde se colocavam as balas girasse para a posição de tiro. Estava vazio, claro. Era para estar. A cada novo disparo, o pai apontava para um alvo diferente. O gato, uma estatueta na estante, a porta da rua. Abel prestava atenção, aparentando distração, então, não sabe se viu ou imaginou a única bala deixada no tambor.

Quando a arma foi apontada na direção de Teresinha, o garoto pulou na sua direção. Junto com o “você está louco, menino?”, o tiro seco. Pow! Teresinha caída em cima do braço, o pai trocando o ensaiado “Meu Deus, eu não vi que restava uma bala!” por um “O que foi isso? O que você fez, menino?” Uma dor queimando no cóccix, onde a bala tinha se alojado. “Alguém ajude, alguém ajude!” Os vizinhos entrando na casa, a ambulância na porta. Teresinha sendo levada com um braço quebrado, sem entender o que estava acontecendo, Abel em outra maca, os olhos grudados no pai, que, no único segundo em que o encarou, entendeu a compreensão do filho quanto ao fato de aquele não ter sido o “acidente” planejado.

A mãe só não voltou para casa no mesmo dia porque ficou acompanhando o filho no hospital. O pai ficou em casa. Os vizinhos consolando o pobre homem. Todos entenderam que ele não teve culpa. Não se abriu nem processo.

Abel acordou da cirurgia para a retirada da bala, vigiado pela mãe. “Foi um acidente, meu filho. Perdoe o seu pai”. “Mas, mãe, aquele tiro era para você!” “Que conversa, menino! Você não viu que ele estava brincando?” O médico entrou nessa hora para dizer que talvez não tivesse notícia boa.

Como se diz para um garoto de 13 anos, apaixonado por Solange e sonhando ser engenheiro, que ele não poderia mais andar? Foi um monte de “talvez”, “Vamos ter fé”, “Nunca se sabe”... mas Abel não andou mais.

Na chegada em casa, o pai não estava. E, quando chegou, também não foi vê-lo. E, quando finalmente estiveram juntos, não disse nada. Nenhuma explicação, nenhum pedido de desculpas. Nenhum olhar jamais foi trocado desde então. Depois, nenhuma palavra. Aliás, as palavras foram desaparecendo daquela casa onde se acumulavam rancores. Era um poço assombrado de amarguras.

Por causa dos tratamentos, também não voltou à escola naquele ano. Os colegas foram visitá-lo no começo. Menos Solange, que não dava para o rapaz tanta importância. Depois os colegas não foram mais, e, quando ele pôde voltar à escola naquela cadeira de rodas, a turma era outra. Ele desistiu de ter amigos. Enfiou a cara nos livros, virou melhor aluno e, na primeira oportunidade que teve, prestou concurso, arranhou trabalho e saiu de casa.

Ninguém disse nada. Não houve nem um “Como é que

você vai se virar?” Não houve despedida. Ninguém foi até a porta. Nem o pai, nem Teresinha. Só o rapaz que ajudava na casa, carregando pouca coisa para um endereço que não foi compartilhado.

O apartamento era pequeno, mas suficiente. Quatro cômodos bem arrumadinhos à espera do novo dono.

Quando o rapaz que ajudou na mudança saiu, Abel levantou-se da cadeira, foi até a geladeira ver se o que tinha pedido no aplicativo estava ali. Caminhou até o fogão, botou água para ferver e fez café. Tirou a roupa e apreciou a musculatura bem formada das pernas. Lembrou-se de Solange e imaginou como ela estaria agora. “Talvez a encontre em alguma rede social”, pensou. Também pensou que não daria notícias à família. Riu da palavra família. Riu da amargura e da sua própria perversidade. Às vezes, imaginava o pai e Teresinha presos um ao outro, naquela cumplicidade doentia. “Perdoe seu pai!” “Não, não perdoe. E agora, não perdoe você também”. Quando foi embora, imaginou que tinha deixado aquele casal num barco à deriva. E sentiu prazer com esse pensamento. Do mesmo jeito que nunca deu notícias, também nunca procurou tê-las. Ia para a academia todos os dias, exceto aos domingos, e se divertia procurando nas redes sociais por moças chamadas Solange. Jamais saiu com nenhuma delas.

Fim. Por enquanto.

**Nelson Barros** é psicoterapeuta e escritor pernambucano radicado na Paraíba desde os anos 1970; autor dos livros ‘Coisas que escrevi para ela’, ‘Trilha Sonora’ e ‘Menino’, entre outros; ele é também colunista regular do Jornal **A União**.

*Moto-contínuo*

Ao boiadeiro a boiada  
 Ao ferreiro a bigorna  
 Ao repentista a viola  
 Ao leitor o livro  
 Ao alfaiate a agulha  
 Ao roseiral os espinhos  
 Ao quadro a moldura  
 Ao parreiral as uvas  
 Ao bandido a cadeia  
 Ao guerreiro a espada  
 Ao pintor as tintas  
 Ao poeta a rima  
 Ao adúltero o adultério  
 Ao ferido a enfermeira  
 Ao amor seus mandamentos  
 Ao livro seu autor  
 Ao teatro o ator  
 Ao padre o altar  
 Ao dia a noite  
 Ao pão a fome  
 Ao morto a sepultura  
 Ao lar a esposa  
 Ao palhaço o circo  
 Ao preso a soltura  
 Ao adeus o abraço  
 Ao inverno a fartura  
 Ao poço a fundura  
 Ao médico o paciente  
 Ao espelho a luz  
 Ao cemitério as cruzes  
 Ao hospício o louco  
 Ao sábio que ama a cultura  
 toda glória e louvor!

Mote: Rodolfo Coelho Cavalcanti.

*Cenário*

as serifas do meu sonho  
 tinha hastes suspensas  
 nas colunas da solidão.

solene era o choro  
 quando percebi  
 que não estavas  
 mais comigo,  
 por isso andei  
 por ruas desertas  
 no cenário do meu sonho.

vivi no sonho  
 dramas homéricos  
 como numa fronteira de vidro.

Estive com você  
 não para mudar  
 meu destino  
 mas para saber  
 que o amor existe  
 que entre o sonho e a realidade  
 ele vive como uma chama ao vento.

no meu sonho  
 não encontrava a poesia  
 único consolo para a dor  
 porque vivi, amei e sofri.



## *Metafísica do Inconsciente*

Na metafísica do inconsciente, o mistério se revela,  
Um universo paralelo, onde a mente se atrela,  
Aos segredos mais profundos, aos desejos mais ocultos,  
É um labirinto de sombras, de enigmas e insultos.

Nas profundezas do ser, o inconsciente se agita,  
Um oceano de emoções, um turbilhão que grita,  
São os traumas não resolvidos, os medos reprimidos,  
E os sonhos não realizados, os desejos proibidos.

Na metafísica do inconsciente, a alma se desnuda,  
E revela a sua verdade mais crua e aguda,  
É a fonte de inspiração, de criatividade e intuição,  
Onde se encontram os segredos da nossa evolução.

É no mergulho profundo, na exploração do eu interior,  
Que descobrimos as camadas mais profundas do amor,  
Na metafísica do inconsciente, desvendamos a essência,  
Da nossa existência, da nossa consciência.



**Irani Medeiros** é poeta, escritor, filósofo e pesquisador da cultura popular. Nasceu no município de Pombal, no Sertão paraibano e, desde 1985, reside em João Pessoa (PB).





Tiago Germano  
tdgermano@gmail.com



# O reino das palavras esquecidas

Uma viagem por palavras cujo significado não correspondem aos seus atributos linguísticos

Começou quando li um texto sobre cultura inútil em algum lugar da *web*. Lembro que o autor falava de palavras cujo significado não correspondem aos seus atributos linguísticos. Por exemplo: a palavra “paroxítone” não é uma paroxítone, mas uma proparoxítone, ou seja, tem a sílaba tônica posicionada na antepenúltima sílaba (acentuada, portanto, como todas as proparoxítonas). Os exemplos são inúmeros: “verbo” não é um verbo, mas um substantivo. “Longa” não é uma palavra longa, mas uma palavra curta. E por aí vai...

O texto não apenas seguia enumerando essas palavras como também se referia ao paradoxo atribuindo um nome e uma origem. Eu me deparei com o texto e achei curioso, mas passei adiante como a maioria das coisas na internet, sem ter a mínima ideia de que aquilo, muito em breve, ia me suscitar um interesse, diga-



mos, mais profundo. E eis que numa daquelas madrugadas insones em que você começa a se perguntar onde fica o socraco da cobra ou se uma árvore caindo numa floresta faz mesmo barulho, se não tiver ninguém por perto para ouvir, lá estava eu me perguntando: Por que, afinal, a calça a gente bota e a bota a gente calça?

Como esperado, perdi o sono buscando aquele texto. Procurei no Google, usando todas as palavras-chave. Quando desisti temporariamente e fui tomar banho para ir ao trabalho, a dúvida ainda me torturava. Tomei café, peguei o Uber, sempre com o celular na mão, garimpando aquele

conceito. Apelei para a inteligência artificial: ela pouco me ajudou, respondendo todo tipo de generalidade. Lembrei-me da máxima que ouvi certa vez de que a internet tem todas as respostas, mas é preciso aprender a fazer as perguntas certas. Eu obviamente não estava fazendo as perguntas corretas, e segui tentando achar o conceito já no trabalho, protegendo todas as demais atividades urgentes, engajando agora os colegas de sala que também não conseguiram mais trabalhar, curiosos.

Fui às redes sociais. Fiz uma postagem a respeito do assunto. Quem me respondeu, o fez com as mesmas indagações,

agora uma obsessão compartilhada por toda minha rede de amigos. No fim do dia, numa academia de musculação, usando todos os intervalos disponíveis entre os exercícios para empreender a minha pesquisa, decidi pedir ajuda aos universitários. Mande uma mensagem privada pra única pessoa na face da Terra que eu julgava ter aquela resposta. Eu não queria importuná-lo com tamanha banalidade, mas era o jeito. Muitas das minhas dúvidas já tinham sido elucidadas por ele, que faz disso um *hobby*, às vezes se referindo às perguntas dos seus estudantes, amigos e leitores, nos textos que escreve para o jornal.

Estou falando do professor Chico Viana. Era à sua mente prodigiosa que eu endereçava minha pequena esfinge. Eu não esperava que ele respondesse imediatamente, mas sabia que não seria devorado por aquela questão. Decidi esperar pela sua resposta suspendendo temporariamente minha aflição. Se ele não me respondesse, aquilo só podia ser coisa da minha cabecinha doente. Eu nunca tinha lido aquele texto e aquele era um dilema fabricado, fruto de minha obsessão de colecionar palavras que não se parecem com aquilo a que se referem, a exemplo de “famigerado”, que só pode ser alguém com muita fome. Ou “escrutínio”, que só pode ser uma parte da anatomia masculina, nunca aquele tipo de inquirição que eu agora fazia com o professor.

Minha ansiedade durou até o dia seguinte, quando Chico Viana me escreveu com uma resposta generosa: o termo empregado era a “heterologia”, que não, não era um estudo



do homem hétero, mas aquela antítese entre as palavras e o que verdadeiramente elas designam. O contrário disso era a autologia. Algumas das palavras que eu já mencionei no início deste texto são autológicas: “proparoxítona” é uma palavra proparoxítona; “curta” é uma palavra breve, como “breve” é uma palavra curta, todas autológicas, portanto. Este fenômeno é um paradoxo semântico formulado em 1908 pelos matemáticos alemães Kurt Grelling (1886-1942) e Leonard Nelson (1882-1927), batizado de Paradoxo de Kurt-Grelling, embora ele tenha origem no Paradoxo Aritimético de Russell, formulado em 1901, pelo matemático Bertrand Russell (1872-1970), que definia “o conjunto de todos os conjuntos que não possuem a si próprio como elementos”.

O Paradoxo de Russell (preparem-se para mais uma enxurrada de cultura inútil) derivou, por sua vez, no Paradoxo do Barbeiro, vejam só que curioso: se todos os homens de uma cidade barbeiam-se com um mesmo barbeiro, quem barbeia o barbeiro? “Ele mesmo”, você me diz, mas aparentemente para a lógica a resposta não pode ser assim tão simples, e alguém mais versado que eu ia fazer você acreditar que nesse cenário ou o barbeiro não é o barbeiro ou o barbeiro não é homem, mas não vou tentar fazer isso aqui: eu sou um mero homem que se barbeia num mesmo barbeiro, aprisionado pelas minhas angústias, porque a resposta de Chico Viana me fez sossegar por um tempo, até constatar que seguia não encontrando o texto original em que havia lido sobre aquilo, e sigo conti-

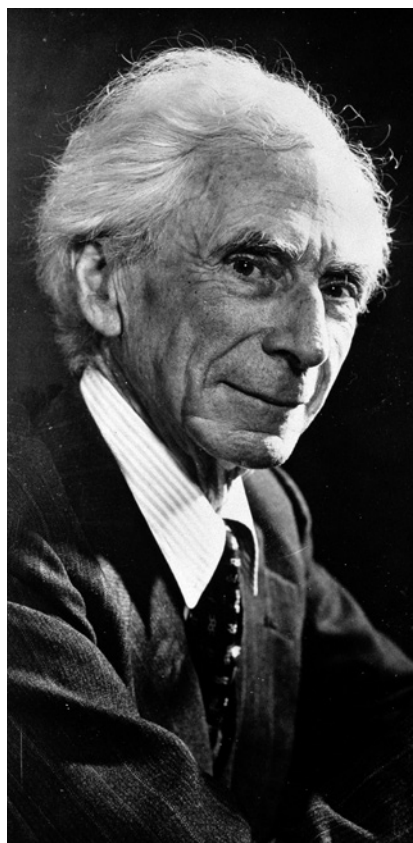


FOTO: YOUSUF KARSZY/REPRODUÇÃO

Paradoxo de Kurt-Grelling tem origem no paradoxo aritimético formulado pelo matemático Bertrand Russell (1872-1970)

nuando, sem conseguir achá-lo, razão pela qual escrevo sobre isso aqui na esperança de que alguém me ajude.

Nesse percurso me deparei com uma porção de textos interessantes: um comentário ótimo do jornalista Pedro Rabello, que compartilha do meu estranhamento com certos signos linguísticos, cujo significante não corresponde ao significado, como “joanete”, que não pode jamais ser uma deformidade óssea, parecendo uma palavra simpática demais para isso. Nos comentários ao comentário de Pedro, uma pérola: uma crônica do Luís Fernando Veríssimo intitulada *Defenestração*, porque nela o cronista sai desfilando palavras que se rebelam com suas definições no dicionário, como

a própria defenestração, que só pode ser o tipo de medida a que alguém recorre quando a casa está infestada de insetos, ou o tipo de palavra que encerra documentos oficiais: “Nesses termos, fulano pede defenestração ao documento de sicrano...”

Me deparei com tudo isso e só não me deparei com “o” texto, que agora procuro como aquela citação que você tem certeza que grifou em certo livro ou anotou em certo lugar, sem se lembrar da citação precisa ou do próprio livro, a que você passa o dia procurando, perguntando-se se na verdade emprestou o exemplar para alguém e ele não foi devolvido, se martirizando por ter uma memória tão bagunçada quanto sua biblioteca, prestes “defenestrá-la” da janela, vendo os livros “esvoaçarem” confirmando sua teoria de que algumas palavras são perfeitas e outras não.

Para onde, pergunto-me, vai tudo isso? Em que reino de coisas perdidas repousam também as palavras não achadas, provavelmente deixadas ao lado dos guarda-chuvas, dos pares de meia sujas, dos objetos que você esqueceu embora se recorde eternamente deles, torturando-se, comprando coisas novas e inventando palavras inéditas e se fazendo novas perguntas, na ânsia de se aproximar desse reino onde provavelmente você vai parar, quando todas as palavras se calarem e os objetos se findarem como você, um mero acidente, um pequeno lapso na memória do tempo.

Tiago Germano é autor do romance ‘O que pesa no Norte’ (Moinhos, 2023), obra semifinalista do Prêmio Oceanos, e foi indicado ao Jabuti pelas crônicas de ‘Demônios domésticos’ (Le Chien, 2017). É professor de Escrita Criativa e mora em João Pessoa (PB).

# Samuel Duarte

## visto por José Octávio: dois paraibanos singulares

Francisco Gil Messias  
Especial para o *Correio das Artes*



FOTO: EDSON MATOS/ARQUIVO A UNIÃO

Historiador José Octávio de Arruda Mello traça as características psicológicas de Samuel Duarte para a série 'Perfis Parlamentares' (Câmara dos Deputados, 2014)

Começarei pelo fim. Pela parte em que o historiador José Octávio de Arruda Mello traça uma espécie de perfil psicológico de Samuel Duarte, o político e jurista paraibano de projeção nacional, nem sempre suficientemente lembrado pelos conterrâneos, notórios profissionais da ingratidão. Comentando as palavras de Duarte por ocasião de sua posse na Academia Paraibana de Letras (APL), a respeito do presidente Castro Pinto, patrono de sua cadeira acadêmica, assim se expressou José Octávio, num feliz registro: "As colocações dessa oração guardam certo sabor autobiográfico. Isso porque, após ressaltar 'a natureza de um homem que tinha um destino a realizar, mas se frustrou na timidez constrangida de quem desconhecia as potencialidades do próprio voo', Samuel considera seu patrono 'um desencontrado com o destino'. Mas não seria esse, igualmente, o caso do ex-presidente da câmara, tolhido por 'o desamor da fama, a timidez, o desdém pelos ruídos da publicidade'?" Eis aí, muito argutamente delineado, o retrato do grande filho de Alagoa Nova, terra fértil que, entre outros, deu

à Paraíba e ao Brasil valores como Gonzaga Rodrigues, Wills Leal e Carlos Romero.

O desamor da fama, a timidez, o desdém pelos ruídos da publicidade. Pode um homem com tais características ser bem-sucedido na política, essa atividade que exige tanta exposição pessoal, ao ponto de, nos casos extremos, suprimir completamente a privacidade e o direito ao recolhimento e à reserva? Não é fácil. Pois o nosso alagoanovense conseguiu. Até chegar à culminância da presidência da Câmara dos Deputados por dois mandatos e à presidência nacional da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), duas posições normalmente reservadas a políticos e juristas de estados importantes da federação e não a nativos de lugares mais modestos, como a Paraíba. Só por isso, Samuel Duarte constitui um caso para estudo dos especialistas, e foi exatamente o que fez José Octávio, com seu amplo conhecimento da política paraibana e seus personagens, nesse trabalho para a coleção *Perfis Parlamentares*, da Câmara dos Deputados, dedicado ao nosso ilustre coestaduano.

Conta-se que, candidato a deputado federal, Duarte teria sido chamado ao escritório de Drault Ernani, paraibano que enriqueceu no Rio de Janeiro e chegou a, durante um certo tempo, ter alguma influência na política estadual, mais por seus abundantes recursos financeiros que por eventual liderança, que não tinha. Pois bem. O grande empresário queria oferecer a Samuel uma substancial contribuição em dinheiro para sua campanha, a qual foi polidamente recusada pelo

conterrâneo necessitado, sabe-se lá com que argumentos. Drault teria insistido na oferta e Duarte na recusa. Ao vê-lo retirar-se do escritório de mãos vazias, Drault teria desabafado aos circunstantes: “Lá vai um pobre orgulhoso!”. Vejam só.

Pobre orgulhoso. Que título honroso para um político! Se todos o fossem, como seria diferente essa arena suja, da qual pouquíssimos logram sair de mãos limpas e honra preservada. Samuel não era burro para recusar necessárias ajudas eleitorais, mas era muito inteligente para não aceitá-las sob o preço do comprometimento e da perda da liberdade de pensar. Certamente, a contribuição de Drault Ernani não seria gratuita (nunca o são, sabemos); Duarte preferiu perdê-la a perder sua independência. São histórias que contam, ajudando a construir a lenda sobre essa singularíssima pessoa, como o chamei, socorrendo-me de Augusto dos Anjos, em crônica já antiga.

Foi, sem dúvida, uma trajetória vitoriosa a de quem saiu de Alagoa Nova para conquistar pelo mérito posições relevantes no cenário político e jurídico nacional. José Octávio acompanha e descreve essa caminhada passo a passo, como historiador criterioso que é. No caso, mais que um historiador: um admirador, é certo, mas sem nunca perder a objetividade e a isenção que o caracterizam como estudioso da História, representante na Paraíba do célebre Grupo José Honório.

Samuel orbitou partidariamente entre o PSD e o PTB. Foi muito ligado a Rui Carneiro e de certo modo fiel ao programa trabalhista de Getúlio Vargas. Uma preocupação com o social, com o trabalhador, o que em vários momentos de sua carreira o colocou na oposição aos poderosos da época. Coerentemente, teve, nos anos finais, uma inserção no MDB, então o partido de Ulysses

Guimarães, baluarte da resistência democrática. Essa temerária opção, que ao seu tempo tinha um custo pessoal e político muito alto, é um indicador, dentre outros, de sua personalidade, digamos, “gauche”, aquela mesma do poeta Drummond, condenado pelo anjo torto a andar sempre na contramão da vida. Seria essa mais uma de suas singularidades, a de quase sempre, por escolha ou pelas circunstâncias, ir pelos caminhos mais difíceis e não pelos mais fáceis.

Em sua carreira parlamentar, há um aspecto não muito conhecido e que nos faz pensar detidamente sobre o destemor desse alagoanovense que, não dispendo de fortuna nem de grandes “currais” eleitorais, dependia totalmente dos humores de seus eleitores conservadores da região de sua terra natal e adjacências (Alagoa Nova, Esperança e Lagoa Seca, principalmente). Pois esse líder aldeão teve, digamos, a coragem, para não dizer a ousadia, de manifestar-se a favor do divórcio, numa época em que tal assunto ainda era verdadeiro tabu na população majoritariamente católica do interior brasileiro. Essa posição, claro, não poderia render-lhe nenhum dividendo político em seus redutos ainda arcaicos. Muito pelo contrário. É de se perguntar, portanto: seria essa mais uma manifestação de seu lado “gauche”, a vocação profunda para não seguir o rebanho, contrariando-o? Se sim, nisso ele haveria, em certa medida, de assemelhar-se a José Américo, o altivo solitário que afirmava com indisfarçável orgulho: “Não sou ave de bando”.

Outra peculiaridade de nosso personagem devidamente registrada por José Octávio: sua dedicação solidária à família. Pois integrante de uma prole numerosa, como costumavam ser as de seu



Natural de Alagoa Nova, Samuel Duarte foi um jurista, jornalista, escritor e político paraibano de projeção nacional

FOTO: REPRODUÇÃO/AGÊNCIA NACIONAL

tempo, Samuel foi o eleito pelos pais para estudar, caminho único dos menos favorecidos em direção ao sucesso na vida. Sendo assim, após alfabetizar-se, veio para a capital paraibana educar-se no Seminário Arquidiocesano, então, ao lado do Liceu, uma verdadeira universidade, tal o nível da formação humanística que oferecia aos alunos. Daqui, seguiu para o Recife, para a tradicional Faculdade de Direito, então destino

incontornável da elite econômica e intelectual nordestina, ao lado da Faculdade de Medicina de Salvador, Bahia. De lá, seguindo os ventos revolucionários de 1930, foi para o Rio de Janeiro, onde, ainda estudante, despertaria para a política, ofício que o fez retornar à Paraíba para trabalhar com Antenor Navarro, interventor estadual. Mas o que importa assinalar é que em sua caminhada, e principalmente depois de suas vitórias, nunca deixou de enviar “mesada” aos irmãos que permaneceram na terra natal, labutando na propriedade da família. Ao meu ver, só precisava disso, essa virtude tão rara, para fazê-lo credor da admiração geral. Essa fidelidade à família e às raízes constitui indiscutível qualidade dos grandes, sejam eles e elas publicamente reconhecidos como tais ou não.

Continuando com os traços samuelinos particulares, trazidos à tona por José Octávio no citado perfil, ele foi casado com uma sobrinha do Presidente Castro Pinto, um personagem sob vários aspectos também singular, no que de positivo tem esta palavra. Ambos os políticos unidos na reconhecida probidade e no espírito público indiscutível. Haveria Samuel de honrar esse vínculo familiar, assim como honrou outras ligações pessoais e políticas, a exemplo de Antenor Navarro e Rui Carneiro.

Segundo o nosso historiador, Samuel Duarte não foi um orador que arrebatasse as multidões. Mas isso não o impediu, por exemplo, de ser escolhido como orador oficial de sua turma conculinte de Direito, no Recife, uma honraria que, ao seu tempo, era significativa, pois em muitos casos era como que um anúncio do político e do advogado vitoriosos que haveriam de se revelar no destacado aluno. Sobre isso, leiamos as palavras textuais de

José Octávio: “Já então despontava o que lhe caracterizaria a identidade pessoal, ou seja, tribuno (não) barroco, na tradição de Epitácio Pessoa, Castro Pinto, Octacílio de Albuquerque e Alcides Carneiro, mas de ideias refletidas e bem articuladas. Senhor de discurso eminentemente expositivo, com frases seguras e concatenadas, Samuel não revelava na palavra meio para embevecimento dos auditórios, mas instrumento para veiculação de teses. Em suma, orador não comicial e bom conferencista”. Nisso, talvez lembrasse o governador João Agripino, político de discursos

**“Com frases seguras  
e concatenadas,  
Samuel não revelava  
na palavra meio para  
embevecimento  
dos auditórios, mas  
instrumento para  
veiculação de teses”**

sóbrios, não derramados, mas que ainda assim — e talvez paradoxalmente — empolgavam os eleitores por sua fria objetividade e não raro por suas certeiras e implacáveis cruezas. Quanto a isso, mais uma vez temos o “gauche”, em sua discrição, sua reserva, seu jeito de brilhar sem estardalhaços nem fanfarras.

O leitor talvez tenha percebido que evitei reproduzir aqui todo o percurso político, jurídico e intelectual de Samuel Duarte, já que isso está feito competentemente por José Octávio no trabalho referido, ao qual remeto os interessados que desejem melhor conhecer o grande paraibano. Vê-se também, acredito, que elegi, para os restritos objetivos deste texto, apenas aspectos pontuais da carreira e da personalidade samuelinas, que me pareceram interessantes destacar, aspectos que demonstram e confirmam a singularidade do valoroso paraibano. Espero ter alcançado, pelo menos em parte, minha modesta meta. E quanto ao intelectual especial que é José Octávio, esse dispensa maiores considerações, pois a Paraíba, merecidamente, já o consagrou há tempos. Há décadas é uma presença incontornável de nossa cena cultural.

E agora termino pelo começo, com a indagação inicial do nosso infatigável historiador: teria sido Samuel Duarte “um desencontrado com o destino”? Talvez. Creio que se pensarmos apenas no que ele, com seu valor, poderia ter alcançado e não alcançou, sim, foi ele alguém que se desencontrou com as possíveis grandezas de um destino que merecia e para o qual estava qualificado. Mas se considerarmos o que ele de fato conquistou, e não foi pouco, temos a concluir que esse extraordinário alagoa-novense alcançou alturas dignas dos maiores da pátria — inimagináveis para alguém de tão modestas origens.

**Francisco Gil Messias** é bacharel em Direito pela UFPB, mestre em Direito do Estado pela UFSC e foi procurador federal junto à UFPB. É autor de livros como ‘O Redator de Obituários: Crônicas, Artigos e Talvez Ensaios’ — esta, a sua obra mais recente. Mora em João Pessoa (PB).



**Rinaldo de Fernandes**  
rinaldofernandes@uol.com.br

 / **cantinho do conto**

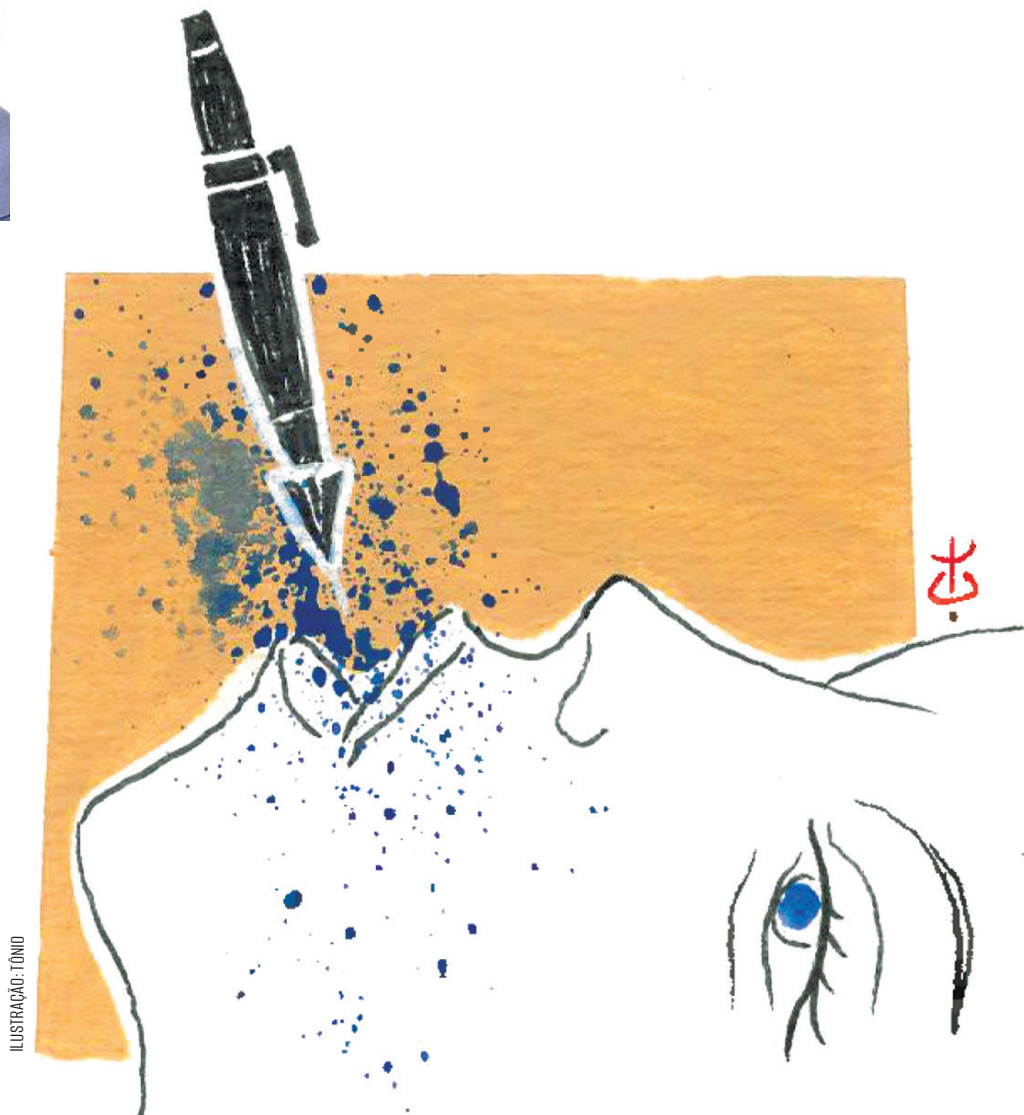


ILUSTRAÇÃO: TÔNIO

## A caneta

Ele pegou na caneta dela. E ela, ainda no trabalho, carregou a caneta para o banheiro e destampou-a e, depois, já em casa, levou-a para o quarto e cheirou-a, e lambeu-a e umidificou-a no bico. E voltou, já estirada no piso, a cheirar, a fazer biquinho e a enfiar a caneta até lhe atritar a garganta. Enfiou e tirou a caneta da boca um bom bocado — até que a tinta lhe rebentou nos lábios, lhe engordurou o queixo, lhe borrou a blusa. Ela aí abotoou os lábios, rindo para a réstia, o piso também borrado e cheirando a azul.

**Rinaldo de Fernandes** é escritor, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).  
Mora em João Pessoa (PB).

**NA LIVRARIA A UNIÃO,  
A LITERATURA TAMBÉM  
É DIVERSÃO E IMAGINAÇÃO!**



 Livraria  
**A UNIÃO** | Poeta  
Juca Pontes

ESPAÇO CULTURAL JOSÉ LINS DO REGO - BOX 13 (JOÃO PESSOA - PB)

TELEFONE: 83 99604-0011

 @LIVRARIAAUNIÃO

A vida  
**acontece**  
com  
o Sesc

A vida **acontece**  
com educação,  
saúde, cultura,  
lazer e assistência.

**Sesc**  
Fecomércio  
Senac